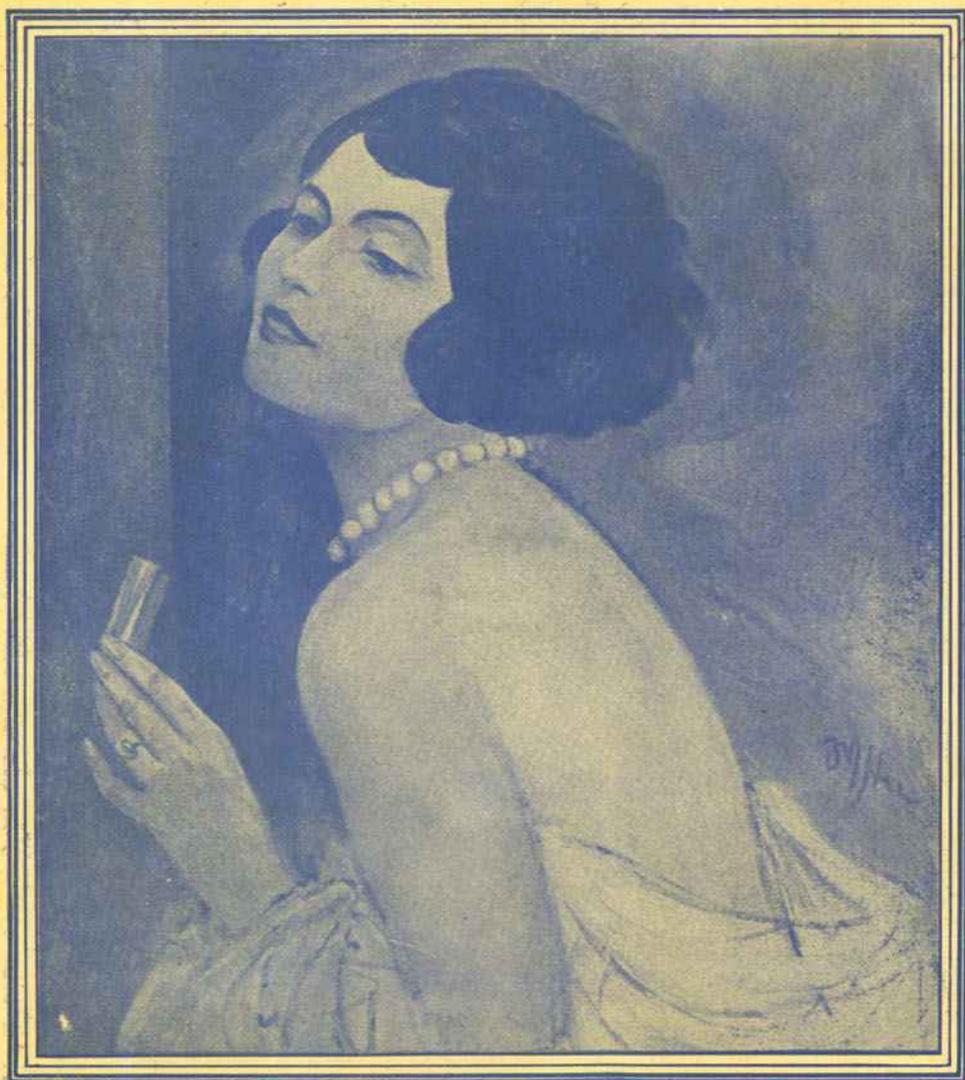


ILUSTRACÃO



NATAL • 1929



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

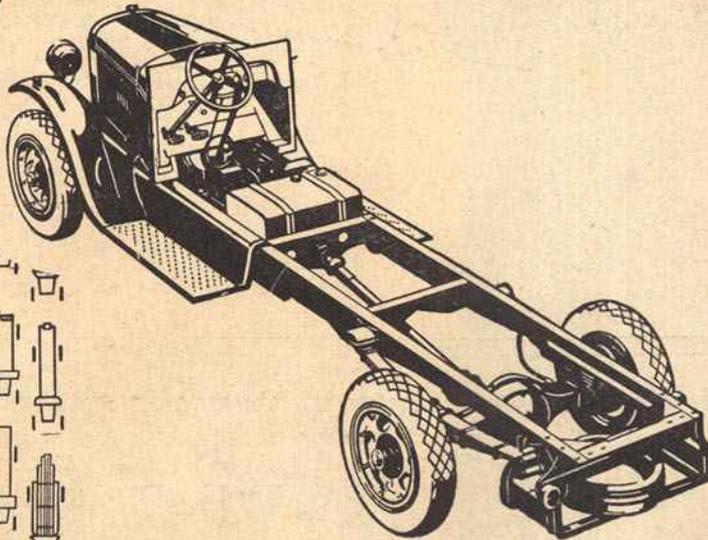
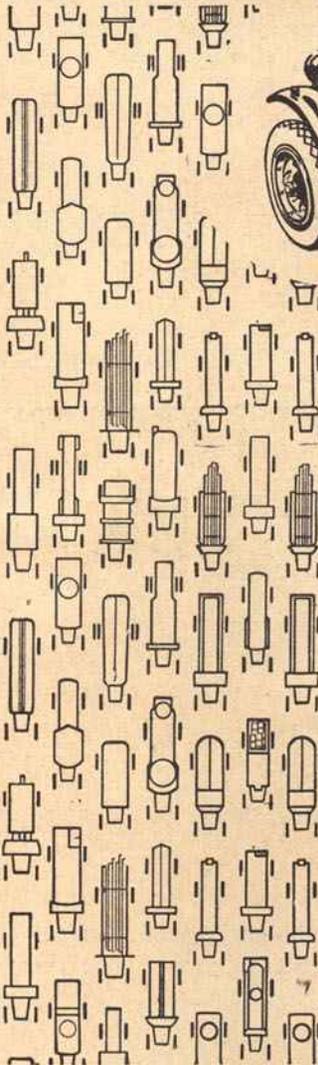
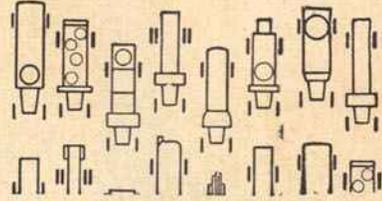
O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

Um vehiculo sempre
pronto a trabalhar

CAMIONETTES

DODGE BROTHERS



Ainda que sobrecarregadas e pelos peores caminhos, as camionettes DODGE BROTHERS não teem nunca uma hesitação. Equipadas com um potente motor de 6 cilindros, com cambota apoiada em sete chumaceiras; 4 velocidades; travões hidraulicos às 4 rodas; chassis de aço temperado bastante reforçado.

Todas as peças principais são de aço cromo vanadio, 3 vezes mais resistente que o aço ordinario. Rápidas, seguras e resistentes.

As camionettes DODGE BROTHERS, antigamente conhecidas por GRAHAM BROTHERS, são construídas para capacidades varias que respondem a 95% das exigencias em transportes mecanicos. Numerosos modelos de carroserie e um tipo para cada especialidade.

Pedir todas as informações aos representantes de DODGE BROTHERS.

Eles vos apresentarão uma camionette DODGE BROTHERS que vos dará os melhores resultados e com uma despeza minima.

BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' TRUCKS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

CHOCOLATE DE LEITE SUISSO
COM MEL E AMENDOA



O MAIS SABOROSO
E NUTRITIVO

Chrysler

A MARCA DE GRANDE RAÇA, sempre á frente de tódas as outras, com a superioridade indiscutível dos seus modelos

CHRYSLER «65» - CHRYSLER «75»
CHRYSLER IMPERIAL

sempre copiados mas nunca iguallados.

Mecânica ultra-perfeita, suavidade, silêncio, confôrto, aceleração incomparáveis e tão surpreendentes que só uma demonstração sempre facultada com o maior prazer pelo representante, poderá convencer os mais scépticos.

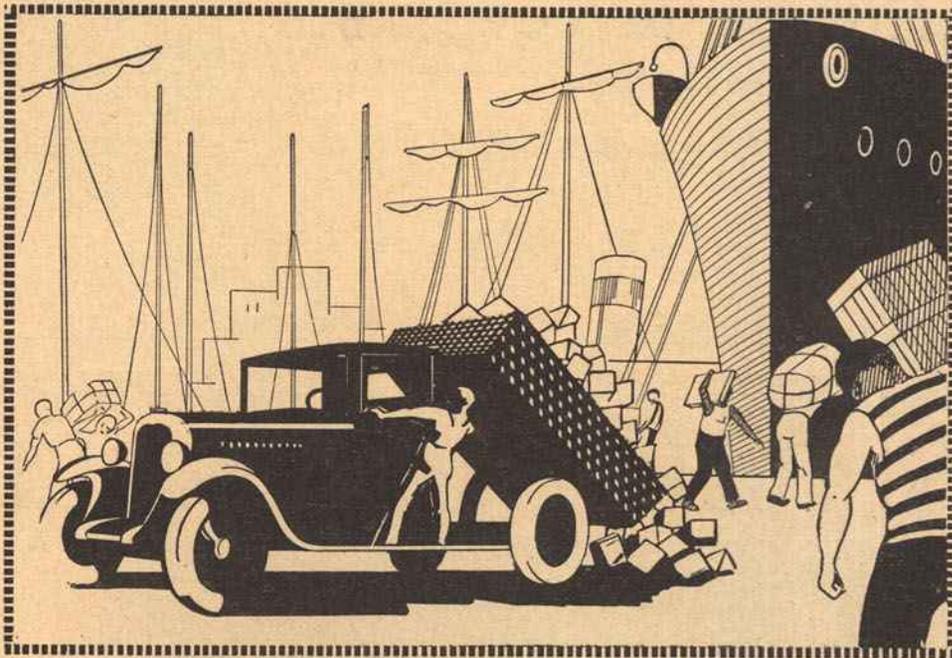
EXPERIMENTAR UM "CHRYSLER" É COMPRÁ-LO!!!

AGENTE GERAL — A. BEAUVALET
Rua 1.º de Dezembro, 137 — LISBOA

DISTRIBUIDOR PARA O NORTE — ANGEL BEAUVALET
Rua de Santa Catarina, 130 — PÓRTO

A CASA DE AUTOMOVEIS MAIS ANTIGA DO PAÍS

**NENHUMA CAMIONETE RE-
SOLVE HOJE COMPLETAMENTE
O PROBLEMA DO TRANSPORTE
RAPIDO E ECONOMICO COMO
A NOVA CAMIONETE
6 CILINDROS — 1.800 KILOS**



CITROËN

CHASSIS E CARROSSERIES DIVERSAS ADAPTAVEIS
A TODOS OS USOS E NECESSIDADES

PEDIDOS A TODOS OS AGENTES NO PAIZ E A
AUTOMOVEIS CITROËN
S. A. P. R. L.

AVENIDA DA LIBERDADE, 46 — LISBOA

OS APARELHOS
RADIO RECEPTORES

DUCRETET

Recebem em quadro as emissões de onda média, comprida e em pequena antena interior as de onda extra curta

DOTADOS DE:

**GRANDE SENSIBILIDADE
EXTREMA PUREZA
FACILIDADE DE COMANDO
CUSTO MINIMO**

SÃO OS RECEPTORES PREFERIDOS
MODELOS DE 4, 5, 6 E 7 LAMPADAS

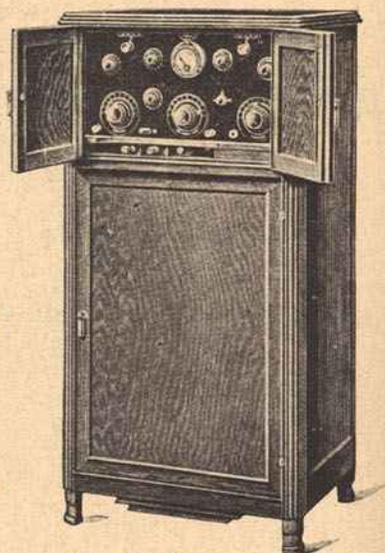
REPRESENTANTE:

COSTA & AREZ, L.^{DA}

Rua da Madalena, 206, 1.º

LISBOA

Telegramas: COSTAREZ Telefone: C 3593



MODELO B. R. C. 7
em móvel de luxo

OS BÉBÉS "NESTLÉ"



TRÊS IRMÃOSINHOS GEMEOS ALIMENTADOS
COM LEITE CONDENSADO E FARINHA **NESTLÉ**

Natal!

**A época dos presentes,
das demonstrações de amizade**

Ofereça «Kodaks» aos vossos amigos e tornar-vos-heis lembrado com gratidão, durante muitos anos. Vós colocareis nas suas mãos o meio de fazer durar as scenas e incidentes mais interessantes da sua vida, dar-lhes-heis o poder de reviver, sempre que o quizerem os seus momentos de felicidade.

Oferecendo um

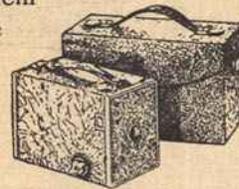
“Kodak”

ofereceis a felicidade

“Kodaks,” para todos os preços

| | |
|---|---------|
| “Brownies,” de caixa, desde | 65\$00 |
| “Kodak,” Vest Pocket, com obj. acromática | 130\$00 |
| “Kodak,” Vest Pocket, com objectiva Doublet | 190\$00 |
| “Hawk-Eyes,” Dobradiços, N.º 2, desde . . . | 220\$00 |
| “Hawk-Eyes,” Dobradiços, N.º 2 A, desde . . | 250\$00 |
| “Hawk-Eyes,” Dobradiços, N.º 3 A, desde . . | 330\$00 |
| “Pocket Kodaks,” N.º 1, desde | 240\$00 |
| “Pocket Kodaks,” N.º 1 A, desde | 280\$00 |
| “Pocket Kodaks,” Serie II, N.º 1, desde . . . | 300\$00 |
| “Pocket Kodaks,” Serie II, N.º 1 A, desde . . | 340\$00 |

Se V. Ex.^a quiser, que os seus presentes marquem pelo seu elevado bom gosto, pelo seu modernismo e requintada elegância, peça, sòmente nas boas casas de artigos fotogràficos, que vos mostrem a última criação «Kodak»: os aparelhos em còr. Apresentados nas mais interessantes e atractivas tonalidades, estes novos «Kodaks», tornam-se um praser para a vista, e constituem o harmónico complemento duma toilette feminina. Ha um «Kodak» em còr, para a quantia que V. Ex.^a desejar gastar.



“Brownie,” N.º 2 em còres
sem estojo 90\$00
com estojo 145\$00

KODAK LTD. — Rua Garrett. 33 — LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



PERFUMES "ORIGINAL" DE GELLÉ FRÈRES PARIS

Deliciosas e finissimas essencias
de GELLÉ FRÈRES, PARIS,
extrahidas das mais finas flores
do Sul da França.

Escolha V. Exa o perfume da
flôr da sua preferencia :
Rose-Violette - Fougère - Jasmin
Lilas - Muguet - Eillet - Chypre.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C.ª LTDA 118, RUA DA MADALENA LISBOA



Gostas Dos Bons Bocados ?

Na verdade são muito agradaveis, mas o peor é o mal que fazem á saúde! Para recompôr o estomago e intestinos e evitar-lhes qualquer fadiga, não ha como recorrer regularmente aos saes de fructa "ENO".

O ENO é uma preparação salina efervescente, sem assucar ou sal mineral purgativo, que dá vigor ao organismo e anula os efeitos das indisposições do estomago e figado, devidos a um desvio ou falta de regimen. O ENO estimula o intestino, desobstruindo-o suavemente. Possui muitas das propriedades benéficas da fructa e é, para os gulosos e amadores de bons petiscos, o amigo de hoje, de amanhã e de sempre.

Uma colher das de café, num copo d'água, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal :
ROBINSON, BARDSLEY & C.ª LTD
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.

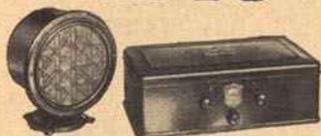


"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos".

O modelo mais admirado pelos bons apreciadores de T. S. F. na II Exposição, foi o

"SCREEN-GRID" 1930

ATWATER KENT RADIO



(Mais de três milhões em uso)

Temos receptores para acumuladores e correntes continua e alterna, qualquer voltagem; e para qualquer destes casos grande variedade de modelos entre os quais o cliente encontra sempre o que mais lhe convem.

No seu próprio interesse não adquira um aparelho de Radio sem comparar a audição dos n/modelos.

A comparação é sempre a garantia do que afirmamos.

REPRESENTANTE NO SUL :

ARTUR SILVA CARVALHO

Rua da Prata, 184, 2.ª — Telef. C. 3175
LISBOA

DISTRIBUIDOR GERAL :

ATWATER KENT RADIO

Raza, 490 — Telef. 4399
VILA NOVA DE GAIA

REPRESENTANTE NO NORTE :

AUTOMOTIVE AGENCIES, LTD.ª

Rua Sá da Bandeira, 136, 1.ª — Telef. 4899
PORTO

O Natal bate á porta . . .

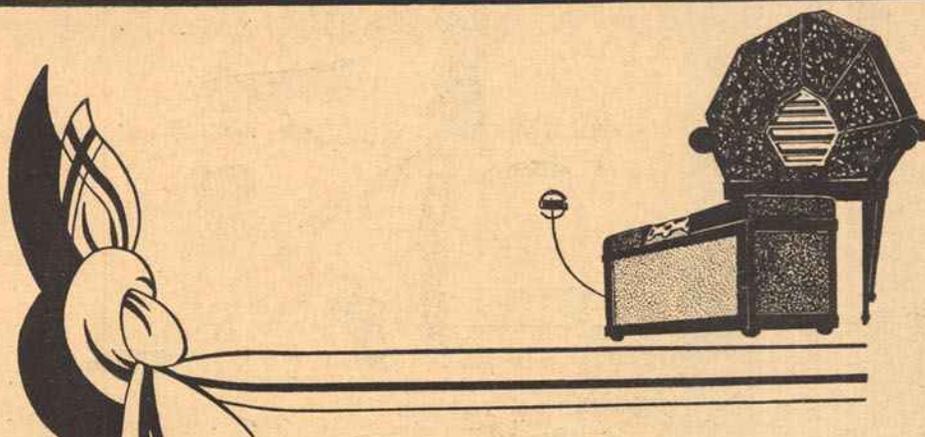
Quere oferecer á sua esposa, á sua
noiva, á sua filha ou á sua irmã
um presente que as encante e delicie?

Não hesite: os perfumes de NALLY são
o mais tentador brinde que se pode dar a
uma mulher!

Procure-os no Largo Trindade Coelho, 10

"MAGAZINE BERTRAND"

LEIAM O NUMERO
ESPECIAL
DO NATAL



NÃO SE
ESQUEÇA!

...DE QUE NÃO HA BOM NATAL SEM UM
BOM APARELHO DE RADIO-TELEFONIA...
...E NÃO HA BOA RADIO-TELEFONIA
SEM **PHILIPS!**

*Peça uma demonstração EM SUA
CASA, sem compromisso nem en-
cargos, às casas da especialidade
ou ao*



PHILIPS

RADIO SERVICE

RUA DA BETESGA, 57
LISBOA

RUA DA PAZ, 32
PORTO



O melhor presente para o Natal!

Na noite de Natal as próprias creanças mostram-se contentes ouvindo o «His Master's Voice»

«NO campo, na cidade, quer na sala, quer ao ar livre, em qualquer parte o portátil «His Master's Voice» é o nosso melhor amigo.» Estas são as palavras das pessoas que gostam d'ouvir musica bôa e perfeitamente reproduzida. Na sua casa, por tanto, não pôde faltar.

Um objecto util e que entretêm, proprio para todas as edades!

Os mais velhos, no maior silêncio, gozam profundamente as magnificas audições musicaes. Para os novos, o «His Master's Voice» e o aparelho ideal nas suas festas ou reuniões. Os seus pequenos fazem dêste aparelho o seu brinquedo predilecto, ouvindo as canções populares e as bandas militares cujos sons marciais alegrão as suas brincadeiras infantis!... Escolha um aparelho portátil «His Master's Voice» na agencia mais proxima; a sonoridade e clareza de reprodução são nêstes modelos tão perfeitas quanto nos grandes.

Grande Bazar do Porto Lda., R. Augusta, 150-152, Lisboa.
R. de Sta. Catarina, 192-198, Porto.



“His Master's Voice”

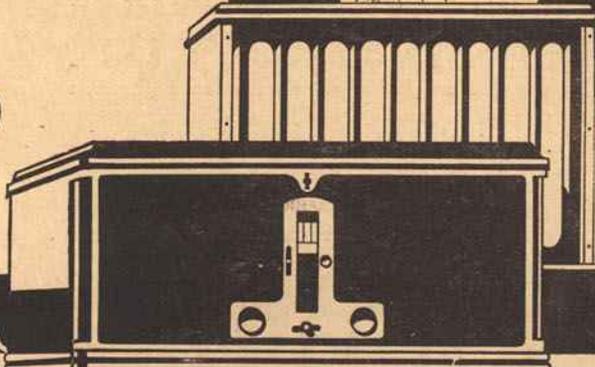
RADIO TELEFUNKEN

TELEFUNKEN 40

O melhor brinde
para o Natal



trias



Peça uma demonstra-
ção, sem qualquer com-
promisso, a todas as
casas da especialidade
ou á **A. E. G.**

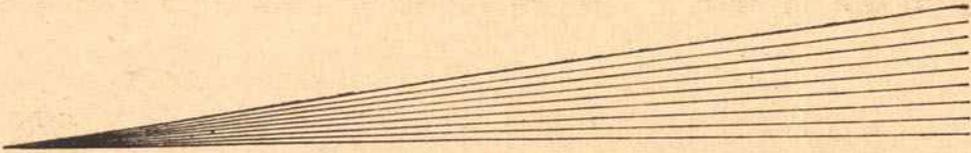
TELEFUNKEN



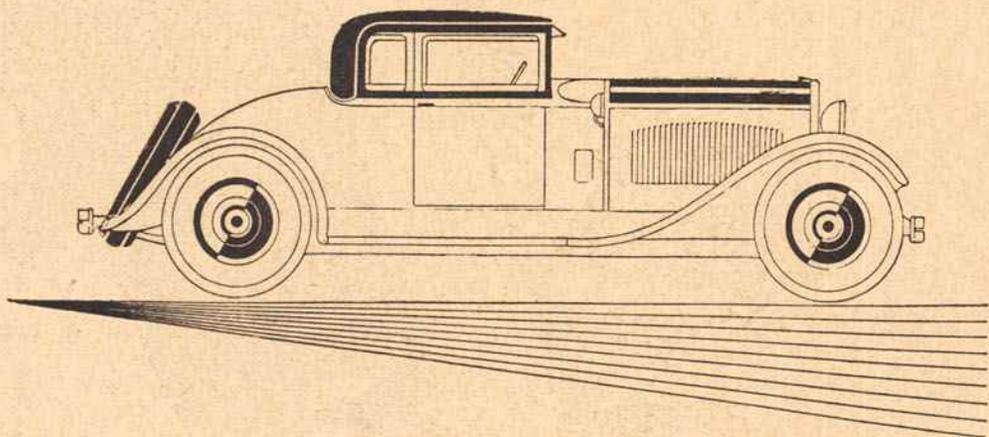
SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-205



Grandes velocidades



Grande reserva de força do seu poderoso motor de 6 cylindros.

Silencio absoluto das suas engrenagens, de dentes largos, e do seu eixo excepcionalmente reforçado. Nenhuma deslocação ou desconjuntura nem da armação nem dos paineis da sua esplendida carrosserie inteiriça sem juntas.

A potencia, estabilidade e o conforto que tanto vos agradam na primeira vez que saís num Dodge Brothers Seis, serão da mesma forma evidentes depois do carro ter 3, 4 ou 5 anos de serviço.



PRINCIPAES CARACTERISTICAS :
Valvulas inclinadas. Embolos de liga de aluminio de dilatação controlado por travessas de aço. Lubrificação forçada por bomba. Ventilação do deposito do oleo. Direção segura. Molas compridas que absorvem as trepidações. Assentos largos e profundos scientificamente delineados. Carrosserie directamente aparafusada ao chassis com um centro de gravidade bastante baixo. Travões hidraulicos de expansão interna suaves e seguros com qualquer tempo.

DODGE BROTHERS SEIS

BERNARDINO CORREA & CIA., 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

Product of Chrysler Motors

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procição)
Telef. T. 871

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

ANO 4.º — NÚMERO 66

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE DEZEMBRO DE 1929



HANS MEMLING — NATIVIDADE (MUSEU DO PRADO — MADRID)

A JORNADA DO IV PORTUGAL-ITÁLIA EM "FOOT-BALL"

NOTAS E IMPRESSÕES



A «équipe» nacional portuguesa à sua chegada a Milão.

energia admirável e, em algumas das suas linhas com um valor que não desmereceu em confronto com o adversário.

A formação mais fraca da «équipe» nacional foi a dos defesas; nenhum dos apresentados em campo satisfez, isto sem que significue (como erradamente me fizeram dizer em certa entrevista mal interpretada), que a eles se deva atribuir a responsabilidade do descalabro.

O factor essencial da derrota portuguesa foi o estado inadmissível do terreno; imagine o leitor o pior que a sua imaginação lhe possa apresentar: pois era pior ainda. O solo era um pantano lodacento onde os jogadores se enterravam até ao tornozelo e onde a mobilidade exigia um esforço suplementar (mais acentuado nos de menor peso), que anulou prematuramente as possibilidades dos nossos homens. Nuncia um jogador português actuara sobre um campo em semelhante estado.

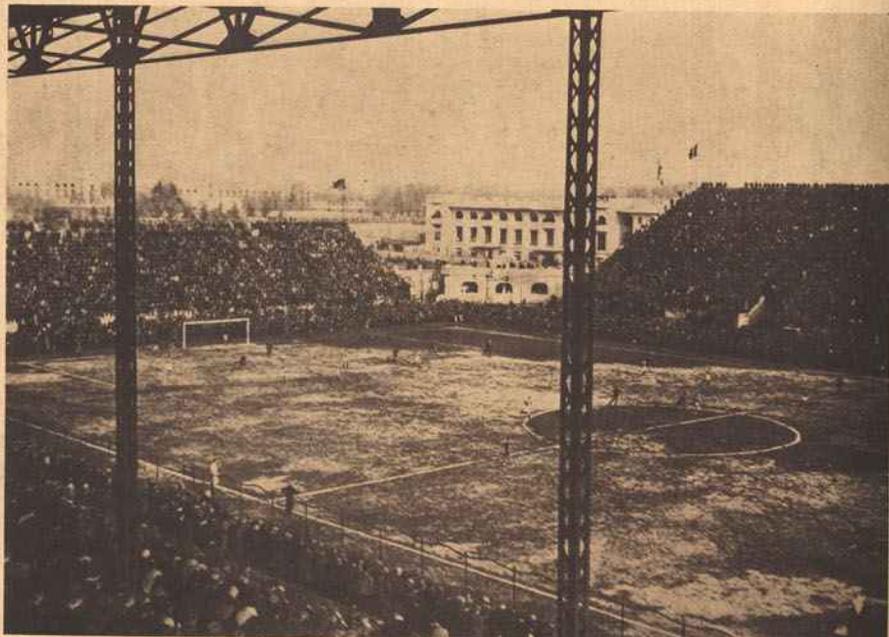
Assim foi que o grupo português, uma vez passados os primeiros minutos de incerteza, firmou um jogo de técnica precisa que impôs ao adversário; o primeiro golfo sofrido proveio de uma fuga da asa esquerda italiana, sem prévio domínio seu, e a ele respondemos eximindo as malhas da nossa vantagem e assestando a rede contrária até à marcação do momento, de lá muito logicamente esperado perante a insistência do assalto da nossa linha avançada.

A partir desse momento o grupo italiano cresceu, atrido para diante pelos clamorosos incitamentos do seu público e arrastado pela extraordinária acção do extremo esquerdo ex-argentino Orsi.

Esta malfadada jornada milanense tem sido por demais comentada e discutida para que nas páginas de «Ilustração» se justifique uma larga critica dos incidentes de jogo. Devemos talvez apenas aproveitar da oportunidade para uma última análise dos factos, considerados a um

espaço de tempo já sufficiente para dehes haver-mos extrahido suas conclusões sem paixão nem influencias locais.

O honra de Portugal não mereceu por forma alguma a dura punição que os italianos lhe infligiram; o grupo trabalhou até com uma



Aspecto geral das imponentes tribunas do Estádio de S. Siro, durante o encontro Portugal-Itália, a que assistiram 35.000 pessoas.



A missão portuguesa, recolhida no palácio Marino pelo Podesá Visconde di Modrone, depois de uma coroa na placa dos mortos da Guerra.

Vieram então, o segundo golfo, que Tenadio, com infelicidade, mas sem culpa, ajudou a entrar; e o terceiro apresentado no brecha defendida pela indesculpável saída de Anilod José.

Estava ditada a sorte portuguesa. O segundo tempo foi sem esperanças, mas de desesperada luta; esta é a nota que convém frisar e que melhor impressionou a critica italiana.

Os jogadores portugueses nunca sucumbiram nem desanimaram; de inicio do final lutaram com o mesmo ardor, empenhando-se em aumentar o próprio escore sem a preocupação do escore adversário.

A accumulção dos golfos italianos nunca encontrou a lembrança de cerrarem a defesa para evitar o esmagamento; a arma que sempre usaram foi a offensiva, sem quebra de valentia, sempre no mesmo ritmo de energia, de lealdade e de técnica. Sob este ponto de vista o esforço dos nossos representantes é merecedor de todos os elogios e prestou ao nome português uma glória que, embora espiritual, devemos agradecer-lhes.

Grangeou-nos a estima do adversário e a consideração de todos.

A hospitalidade italiana foi, de resto, o único mas precioso paliativo que a missão portuguesa trouxe de Milão para atenuar o amargor da derrota. Do primeiro ao último instante ela nunca se desmentiu; exteriorizada nas mais sensibilizantes manifestações de apreço e afabilidade, valorizava-se nos corações dos portugueses pelo caminho de sinceridade que sempre revestia.

A amizade italiana, tal como a demonstrou o acolhimento feito em Milão à «équipe» portu-

guesa, é um bem precioso que convém tornar bem conhecido, porque Portugal não tem dele uma exacta noção.

Na minha vida de dirigente sportivo, a jornada de Milão contará como uma das mais

amargas desilusões; em meu espirito, porém, ela apagou-se, por certo para deixar apenas indelével a saudade dos mais vivos sentimentos de amizade encontrados por mim em terras estrangeiras.

SALVARE CAROLINA.



O RESTAURANTE ORICIA. — Os nossos delegados na mesa de honra com o general Santini, Zanetti, da Federação italiana, general Cataneo, Fabri, governador da provincia, Zorini, procurador do Rei, general Petri, comandante da milicia fascista e cônsul de Portugal.

NATAL

— DAS —

ESTRELAS

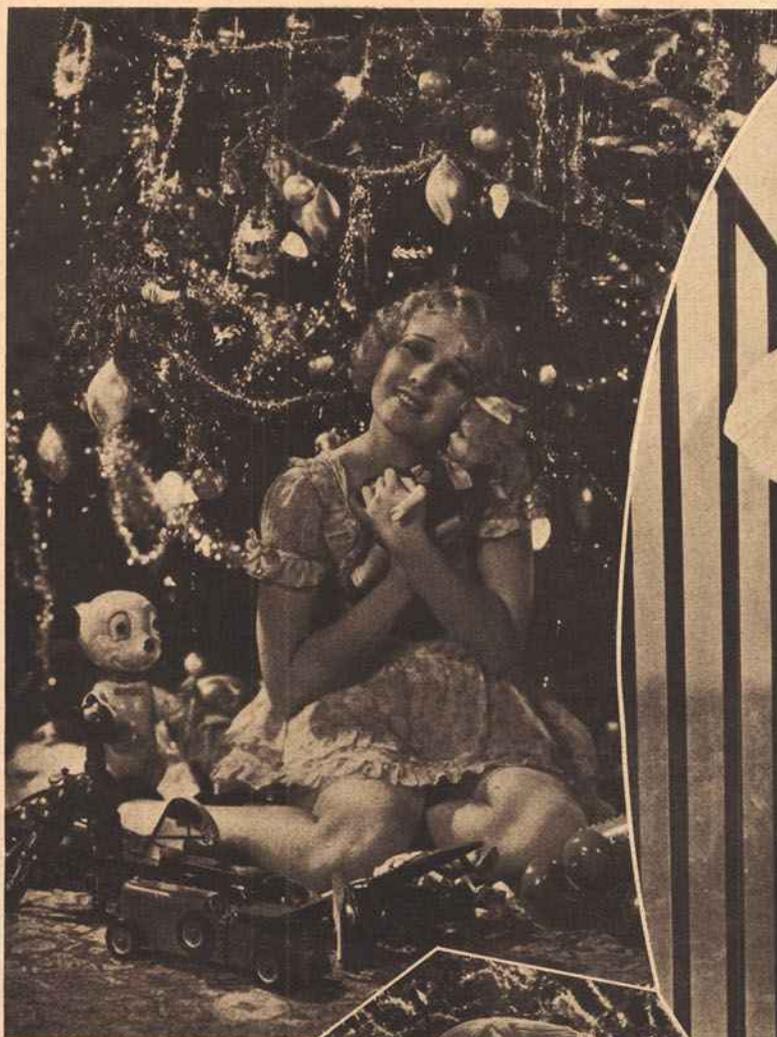
Chegado o Natal, as «estrelas», não as fulgurantes estrelinhas do céu, mas as sedutoras «estrelas» do cinema, um novo céu... aberto e imenso, as «estrelas» formosas, populares e adúladas, têm também as suas festas, os seus presentes, as suas visitas do Menino Jesus ou do alegre Pai Natal, o Saxónico «Father Christmas». Aqui temos, à esquerda, a perturbante Joan Crawford meditando sobre o pedido que deve fazer ao rechonchudo Menino Deus...



...enquanto um par de encantadora mocidade, Robert Montgomery e Dorothy Jordan, da Metro, ainda não divorciados, a pesar de se terem matrimoniado há já seis meses, esperant, à janela do seu lar, do seu doce lar de noivos, que são a meia noite para se beijarem longamente, amorosamente, como é velho costume no Natal americano... numa revivescência dos costumes patriarcais dos primeiros colonos irlandeses do Novo Mundo...

...e, talvez na casa fronteira, por entre os vidros, iluminada melancolicamente pelo lucilar das últimas velas da sua árvore de Natal, a encantadora e melancólica Leila Hyams, sósinha, isolada, sem um afecto profundo, sem outro amor que não seja a sua arte, pensa talvez que não vale a pena de se sacrificar por um tão lindo sonho... vê o parsinho fronteiro que se beija, amoroso, e põe toda a sua esperança num cavaleiro de lenda que preceda, pela neve em fora, a chegada do bondoso e velho Christmas





Uma garota, doida com os bonitos?... Não!... Anita Page, artista e grande artista...



...como Dorothy Jordan, delicado Po-bichinelo preferido por Gweu Lee quando, com péssimos de lá, foi escolher presentes à árvore...

...Entretanto, em matéria de bonitos, já agora devemos dizer que as pessoas grandes também merecem, e à farta, o seu presentinho do Natal. As pessoas grandes também devem ser contempladas, quanto mais não seja só porque são elas as que, afinal, têm de grangear as bonecas e os bonecos para a gente miúda... e não é, esse, pequeno esforço, nos tempos que vão correndo... A dificuldade estaria em arranjar bonitos que agradassem aos grandes. Seria difícil que alguém de maior idade se deleitasse com um comboio de corda, com um cão de peluche ou com um palhaço a bater pratos. Também pouco interesse terá, decerto, para um circanspecto papá que seus filhos, numa justa reciprocidade, lhe ofereçam um cavalinho com rodas, uma fardeta de hussar, uma pistola para atirar ao alvo ou uma bateria de cosinha para fazer Jantarinhos... O único presente viável é uma mascotte, porque, ao que parece, a superstição aumenta com a idade. No oval de cima damos, gostosamente, um modelo de mascotte a que aventuramos a maior aceitação entre todos os contemplados dos 16 aos oitenta anos... classes militares ou civis, reformados, reformistas, etc... De resto, o modelo de mascotte é a encantadora Mary Doran, a Vénus moderna.

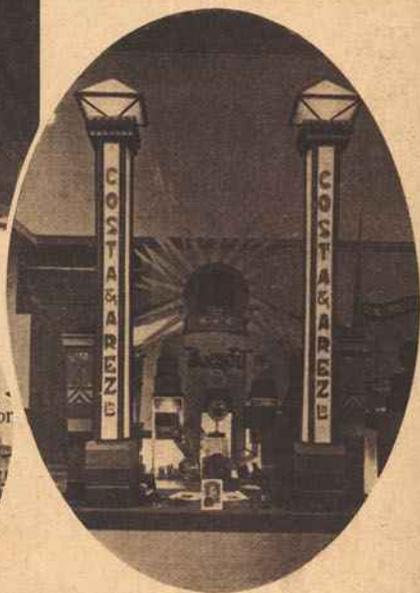
T. S. F.

A II EXPOSIÇÃO DE SEMFILISMO NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Constituiu um formidável successo a II Exposição de T. S. F. realizada há pouco no Palácio das Belas Artes. A direita reproduzimos uma fotografia de conjunto duma das mais imponentes instalações, a da grande e célebre casa «Phillips» cujo stand, no fundo do salão, em linhas sóbrias e belas, era indicado pela grande seta luminosa a todo o comprimento da nave.

A iluminação geral era, também, feita com belos projectores «Phillips»

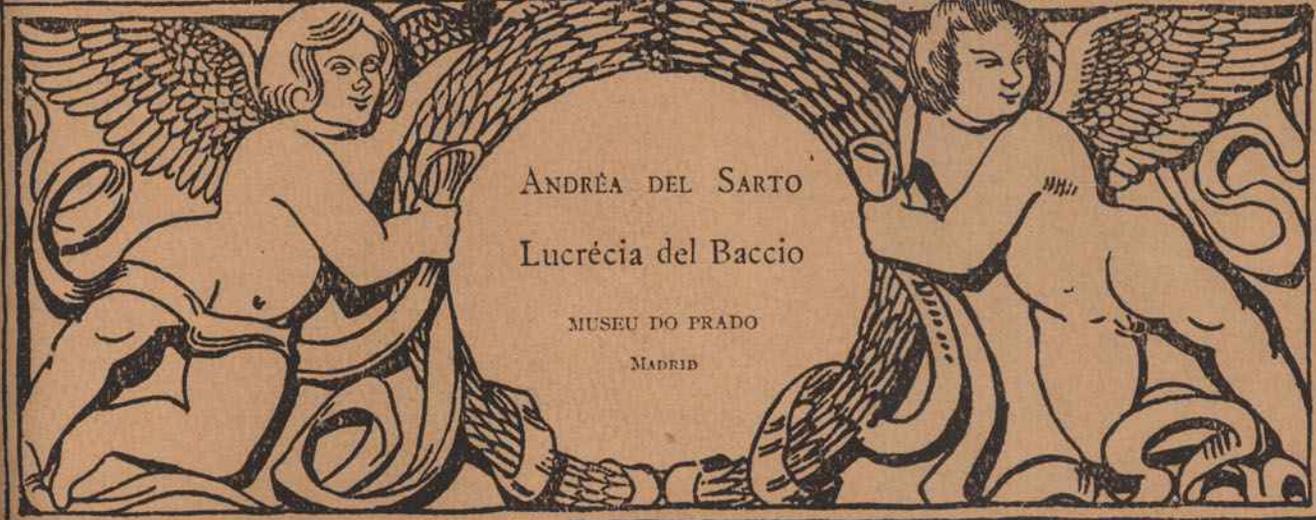
EM BAIXO: — A visita oficial de inauguração da Exposição de T. S. F. Na primeira fila, da esquerda para a direita, srs. Jacques Morpurgo e Américo Arez, da comissão organizadora, dr. Antunes Guimarães, ministro do Comércio, embaixador do Brasil dr. Cardoso de Oliveira, general Carmona, Presidente da República, embaixador de Espanha, e sr. Prieto, da comissão organizadora diante do stand «Phillips»



NO OVAL DE CIMA: — A formosa instalação do material Telefunken, de fama mundial, apresentado pela A. E. G., num stand decorativo e moderno, recheado de maravilhas em material de T. S. F. e aparelhos das mais famosas características

A DIREITA: — Stand «Atwater Kent Rádio», famosa marca de aparelhagem e acessórios de T. S. F. representados pelos srs. Artur Silva Carvalho, Engenheiros, da rua da Prata, 181, 2.º

EM CIMA: — A instalação de Costa & Arez, Ltd. representante em Portugal dos receptores Ducretet, a primeira marca francesa, baterias Fulmen e difusores Celestion, de reputação mundial e material Brunet



ANDRÉA DEL SARTO
Lucrecia del Baccio

MUSEU DO PRADO
MADRID

ACTUALIDADES GRÁFICAS



A ESQUERDA: — Visita à Espanha de Mr. Albert Thomas, o conhecido político socialista, hoje Presidente do «Bureau» Internacional do Trabalho da Sociedade das Nações. A recepção na Secretaria dos Negócios Estrangeiros, vendo-se Primo de Rivera dando a direita a Albert Thomas e a esquerda ao ministro do Trabalho, sr. Aizós. À frente do chefe do Governo espanhol, M.^o Albert Thomas ataviada com um lindo «manton» que lhe foi oferecido

(Foto Orríos).



A DIREITA, no oval.—Uma scena de conjunto da comédia de Paul Montcousin, «Mamá», o grande êxito do Politeama, com os principais artistas da Companhia daquele teatro. No oval à esquerda: — Uma empolgante scena do 3.^o acto de «Mamá» entre os insignes artistas Palmira Bastos e Henrique de Albuquerque



Doas scenas da grande obra dramática de Charles Méré, «A primeira noite» («Le lit nuptial»), o maior êxito da temporada no Ginnásio, em que, além de Lucília Simões, se salientaram, brilhantemente, os excelentes artistas Erico Braga, Samwell Denis e Brunilde Judice. EM CIMA: — Brunilde, Samwell e Sampaio no segundo acto. A ESQUERDA: — Erico e Samwell na scena culminante do terceiro acto



das cinco mentiras do amor.

JULIO POR DANTAS.



menina também magra, também morena e também de olhos pretos, ingénua como uma aguarela romântica de Eugénio Lami:

— Minha pomba, minha flor!

Eu não sei, com franqueza, em que é que uma mulher se parece com uma flor ou com uma pomba. Não há nenhuma espécie de columbideo cuja forma, cujo tamanho, cujos hábitos façam lembrar a companheira do homem, por mais pequena, por mais bicuda, por mais arrulhadora que ela seja, por muito redondos que tenha os olhos, por muito espalmados que tenha os pés, por muito tonta que tenha a cabeça. Com mais razão se pareceria a mulher com uma galinha da Índia, com uma faisoa doirada ou com uma pavoá real; e, entretanto, não chegon ainda ao meu conhecimento que algum apaixonado, ou algum poeta lírico, embora na melhor das intenções, a tenha confundido com éstes animais. Devo confessar, também, que nenhuma das mulheres bonitas que eu conheço apresenta a mais leve semelhança com uma flor, por mais bela que seja a flor, ou por mais insignificante e vegetal que seja a mulher. Porque se parecem na cor? Mas se é a variedade de colorido que as aproxima, em vez de chamar à mulher que admiramos «minha flor», poderíamos, com mais propriedade, chamar-lhe «minha caixa de aguarela», sobretudo desde que ela pinta os olhos de azul, a boca de vermelho, os cabelos de amarelo e as faces de cor-de-rosa. Flores que se assemelhem a entes vivos, só conheço uma: a

orquídea, que me dá sempre a impressão do focinho de certos cães japoneses.

Ora eu, miss Dorothy, pensando no seu delicado rosto, levemente arrendado de sardas como o da «Virgem Doirada» de Amiens, não desejo que passe sem protesto uma comparação que poderia confundir a mais bela das mulheres com o mais horrível dos cães.

II

MORRO POR TI!

Eu preferiria que todos aqueles que amam usassem duma linguagem sempre verdadeira e de um certo respeito pelas proporções na maneira de manifestar os seus sentimentos. O amor, liberto de todos os exageros, de todas as falsidades e de todas as ilusões, seria assim mais nobre e mais belo. Simplemente, minha boa miss Dorothy, no dia em que o amor quisesse viver sem a mentira, — deixaria de ser amor.

Há dias, passando na alameda de um desses jardins antigos muito copiados em certas tapeçarias e cujos arvoredos, na opinião de alguns poetas futuristas, são azuis, vi um par de amorosos que aproximavam demasiadamente as bocas (não me atrevo a dizer que se beijassem) e que murmuravam — não sei se éle, se ela — com uma convicção profunda:

— Morro por ti!

Estas palavras pareceram-me alarmantes. Eu tenho sempre um sincero desgosto em ver morrer pessoas na flor da idade. Perguntei a mim mesmo de que morreriam éles, e fiquei no convencimento de que a morte poderia ser devida a asfixia, tão violentamente as bocas estavam coladas uma à outra. Felizmente, no dia seguinte soube que se encontravam ambos de perfeita saúde, e que as inquietantes palavras por éles proferidas não eram senão uma das muitas mentiras que os namorados gostam de dizer e de ouvir. Se as pessoas que, nas suas intimidades amorosas, afirmam que morrem umas pelas outras, falecessem efectivamente, o amor produziria muito mais óbitos

Recorda-se, miss Dorothy, daquela noite em que conversámos, no grande salão do Claridge's, em volta de uma mesa cheia de cocktails, acerca do amor e das mulheres? Parece que estou vendo ainda os seus grandes olhos azuis de boneca fixados em mim, olhos de porcelana, vivos como a pequena braza do cigarro que ardia na ponta da sua boquilha de palmo e meio. Disse-lhe então que o formulário amoroso tinha envelhecido, e que era preciso substituir por expressões novas e exactas as velhas frases convencionais que fizeram a delícia das nossas avós no tempo da *crinoline* e dos *topázios*, e que não só passaram de moda, mas, o que é peor, mudaram de sentido. Miss Dorothy sorriu. Lembrando-me desse sorriso de grande criança — o que são as mulheres, senão crianças grandes? — recordo o que nessa noite lhe disse sobre algumas mentiras do amor, enquanto a orquestra tocava um prelúdio de Rockmaninoff ou de Scarabine e, ao pé de nós, um ramo de rosas murchava tristemente, em dô sustenido, num pequeno solitário de prata.

Quer ouvir-me outra vez, miss Dorothy?

I

MINHA POMBA, MINHA FLOR!

Eu atribuo aos poetas — pobres espíritos dotados de um vago instinto melódico, mas completamente desprovidos do sentido das realidades e das proporções — muitos dos lugares-comuns que teem feito fortuna na linguagem do amor. E creio que não me engano. Desde tempos imemoriais que éles veem chamando às mulheres, com grave escândalo e manifesto prejuizo das regras da boa cortezia, muitas coisas que elas evidentemente não são e que, segundo penso, em caso algum desejariam ser.

Ontem, no chá da Embaixada de ***, um rapaz magro, moreno, de olhos pretos, sentado ao canto de uma pequena sala Império — não sei se seria poeta — exclamava, imaginado que ninguém o ouvia, para uma



do que nascimentos, e, por conseguinte, um decrescimento rápido das populações, o que, com toda a razão, preocuparia os demógrafos do mundo inteiro. Graças a Deus, porém, os «moribundos de amor» têm uma saúde excelente, e—exceção feita de algum caso de romanesca melancolia a que ficaria bem o colete amarelo de Werther—continuam a morrer todos os dias o mais agradavelmente possível e a participá-lo com a maior convicção uns aos outros, pelos bancos dos jardins e pelos cantos dos salões.

O amor e a morte, o alpha e o ômega, o princípio e o fim, andam tão intimamente associados no espírito do homem, que a morte veio a tornar-se a mais alta expressão verbal da exaltação amorosa. Ser-me-hia muito penoso, miss Dorothy, ouvir-lhe dizer «eu morro»; mas confesso que me consideraria o homem mais feliz do mundo, se dos seus lábios, por entre o fumo azul de um abdulla, se desprendessem essas quatro palavras eternas: «eu morro por si». É mentira? Que importa, se, para o meu pragmatismo amoroso, essa mentira é uma verdade?

III

JURA QUE ME HÁS DE AMAR ETERNAMENTE!

Impressionou-me sempre muito a imperfeita noção que toda a gente que ama tem da eternidade. Ainda eu ontem o pensava ao ler, repetida vinte, trinta vezes, numa colecção de cartas de amor que veio parar-me às mãos, esta frase imperiosa:

— Jura que me hás de amar eternamente!

Com franqueza, nunca compreendi o motivo por que as mulheres apaixonadas nos pedem que lhes juremos um amor eterno. Ou querem que lhes juremos falso, ou julgam a eternidade muito pequena. Em primeiro lugar, o amor não pode ser eterno, porque o não é a vida humana. Em segundo lugar, o amor, sentimento de sua natureza efêmero, transitório, inconstante, fugaz, passageiro como o fumo, se um dia fôsse eterno, deixaria, por isso mesmo, de ser amor. Eu, por mim—confesso, minha querida miss Dorothy—não me comprometo a amá-la eternamente, porque não sei as formas que, no decorrer dos séculos, irá revestindo, para além da vida, a matéria de que sou feito. Se acontecer—e não está na minha mão evitar êsse incômodo—que eu renasça na forma viva, na síntese orgânica duma couve, dum crocodilo, duma palmeira ou dum caracol, não posso responsabilizar-me pelos sentimentos que o caracol, a palmeira, a couve e, sobretudo, o crocodilo manifestem a seu respeito. E como a teoria do «retorno universal» de Nietzsche não pode oferecer aos noivos e aos amantes que hoje, por exemplo, se estão amando ao luar, em Veneza, a garantia de que de aqui a dois mil anos se estarão amando à luz do mesmo luar, numa *loggia* doirada da mesma Veneza nupcial,—sou obrigado a concluir, miss Dorothy, que a eternidade do amor é uma eternidade limitada, uma eternidade de convenção, que às vezes não dura mais do que oito dias, quando não dura apenas, como as rosas de Malherbe, *V'espace d'un matin*.

Eu bem sei que algumas mulheres, de aspirações mais modestas, nos pedem que as amemos apenas por toda a vida. É difícil tomar o compromisso de amar toda a vida uma mulher, a não ser quando se viva pouco tempo. Nenhum sentimento intenso pode ser

durável; e a paixão amorosa tem, na sua própria veemência, na sua própria exaltação, o germen da sua morte. Além disso, o amor vitalício como os cargos públicos, é uma concepção demasiado burocrática, que traz imediatamente a ideia libertadora duma transferência ou duma aposentação. Querer que se ame alguém por toda a vida é confundir o amor com os trabalhos forçados,—e eu não desejaria nunca, minha querida miss Dorothy, considerar forçado o agradável trabalho de a beijar.

Para nós, minha amiga, o amor á a hora que passa; poderá ser, no seu declínio, a recordação amável duma hora que passou; mas nunca será o compromisso da hora que há de vir. Se nem o

amãhã existe em amor, como há de existir a eternidade?

IV

SOU TUA, TÔDA TUA!

Aquela mulher vestida de branco, com os olhos febris, com os cabelos negros soltos pelas espáduas nuas (então, ainda as mulheres usavam êsse atributo selvagem), que uma noite, nos bons tempos da minha mocidade, abraçada convulsivamente a mim, murmurava—«sou tua, sou toda tua!»—nunca mais se apagará da memória do meu coração e dos meus sentidos.

Durante muitos anos, não pensei nessa mulher sem um arrepiamento voluptuoso e uma passagem perturbada. Agora, porém, que os seus longos cabelos negros devem estar grisalhos e cortados à *garçonne*, já posso com serenidade



SWART



nem dos seus pés — maravilhosos pés de estátua grega — porque o homem, salvo excepções notórias, se habituou, desde pequeno, a andar apenas com dois. Se a minha querida amiga, por impossível, me repetisse agora a mesma frase que há vinte anos ouvi, eu responder-lhe-hia, com a maior delicadeza do mundo :

— Tôda, não accito, miss Dorothy.

V

EU NUNCA TE FUI INFIEL

Quantas vezes, através dos tempos, as mulheres teem repetido a frase célebre que a Colombina da comédia italiana, depois de ter saído dos braços de Arlequim, dizia, num baixar de olhos pudibundo, ao pobre e atraído Pierrot :

— Eu nunca te fui infiel!

Pois bem. Eu tenho a certeza de que tôdas as pequenas bôças pintadas que o teem dito, mentem. As mulheres que foram sempre fiéis, nunca sentiram a necessidade de o dizer. A virtude é silenciosa e não comprehende que seja preciso proclamar os seus proprios méritos. Pouco valor teria a pedra preciosa que precisasse de repetir a tôda a gente que não era falsa. Além disso, a fidelidade é uma virtude subalterna, que presuppõe uma condição inferior de dependência e de submissão; só tem interesse em afirmar que a possui, a mulher que, de facto, deixou de a possuir. Compreendo que se orgulhe de ser

fiel um empregado; que se orgulhe de ser fiel um mordomo; que se orgulhe de ser fiel um servo; que se orgulhe de ser fiel um cão. A mulher moralmente superior não tem que se orgulhar de ser fiel. O que não quer dizer, miss Dorothy, que ser fiel, para uma mulher, não seja mais difficil do que muita gente supõe. Há mulheres que julgam sinceramente sê-lo, e que na realidade o não são. Não é infiel apenas a filha de Eva — ou de Colombina — que, dizendo amar um, se esquece de si própria nos braços de outro; para se cometer uma infidelidade, para se pecar contra o amor, basta um olhar, um sorriso, uma palavra, um simples pensamento inconfessável. E qual é a mulher — por maior que seja a sua virtude — que não teve, numa hora de fraqueza, êsse olhar, êsse sorriso, essa palavra, ou êsse pensamento? Qual é a mulher que, mesmo na igreja, mesmo com os olhos sôbre o livro de missa, não atraçou um dia, em espirito, o homem a quem ama?

— Mas você fala só das mulheres! E então os homens? Não são infiéis também? Não nos enganam, ainda muito mais do que nós os enganamos a êles?

Oiça, miss Dorothy. Acêra dos homens, devo fazer-lhe uma confissão que me penaliza. Tenho conhecido muitos homens fiéis na religião, muitos homens fiéis na política, muitos homens fiéis nos negócios, muitos homens fiéis na amizade. Homens fiéis no amor, miss Dorothy, é que ainda não conheci nenhum.

e da dignidade humana. Elas representam uma sobrevivência ancestral dos velhos tempos em que a mulher — príncipe ser humano que cafu em escravidão — era um simples objecto destinado ao uso brutal do homem. Hoje, a mulher não pode dignamente considerar-se propriedade de ninguém; e o facto natural e humano de amar um homem, não presuppõe de modo algum a alienação, a favor dêsse homem, da plena liberdade que ela tem de dispôr de si própria. O amor não é uma sujeição; é uma associação. A Eva moderna, que lutou pelos seus direitos, que conquistou uma nova situação jurídica na familia, na sociedade e no Estado, que se emancipou, que traduz pitorescamente a redenção do seu sexo cortando o cabelo, fumando, usando monóculo e bengala como um homem, — a Eva moderna pode conceder a alguém, e felizmente concede, transitória ou definitivamente, o exclusivo da sua preferência amorosa; mas não diz a ninguém «sou tua», porque, em amor, o conceito de propriedade acabou.

— Mas você estraga o amor! Você tira tôda a poesia ao amor! — exclamará miss Dorothy, cruzando a perna e mostrando os seus calções azuis, como as *pretty girls* de Kirchner.

Não estrago tal. Destruo as velhas frases e dou-lhes uma poesia nova. Em vez de «sou tua», entendo que a mulher, mesmo quando ama, deve dizer, cada vez mais, «sou minha». E, com mais razão, entendo que a mulher nunca deveria dizer «sou tôda tua» — como a dama de branco da minha mocidade — porque semelhante expressão envolve uma oferta inaceitável. Tôda — é demais. O homem não precisa do estômago da mulher que ama, sobretudo quando digere bem; nem do seu cérebro, embora eu esteja convencido de que o da mulher é mecânicamente mais perfeito;



O CRIME DO NATAL

CONTO POR GVEDES DE AMORIM

DESENHOS DE CARLOS CARNEIRO

Era o primeiro ano em que Maria Deolinda passava o Natal em casa de seu pai, naquela pequena aldeia alcañorada do Marão.

Tinha chegado há duas semanas. Ao entrar naquela casa, tivera uma primeira expressão de espanto para tudo quanto a rodeava. Porém, a ronda dos dias, levou-a até muito próximo de todas as pessoas e objectos, que eram recordações, que eram certificados, da sua infância distante.

Naquela manhã de véspera de Natal, Maria Deolinda levantara-se mais cedo de que o costume. Colára o rosto à janela do seu quarto, e permaneceu, deslumbrada, a olhar a estranha scenografia que, semelhante aos scenários duma ópera, se estendiam, se desdobravam até ao infinito.

E os olhos de Maria Deolinda abriam-se cheios de surpresa. Que diferença entre o aspecto daquela aldeia e o da cidade, onde permanecera até há bem pouco tempo!... Lá, o tempo também era muito húmido, e o céu tornava-se opaco. Era verdade. Mas ela, resguardada pelos vidros das janelas do colégio, dêsse colégio onde estivera desde os oito anos até há poucos dias — via, em todas as véperas de Natal, as ruas cheias de movimento, apinhadas de pessoas, que caminhavam apressadamente, com as mãos cheias de embrulhos de papel de cores berrantes e que levavam no rosto madrugadas de contentamento.

Ali, tudo era diferente. Havia ausência de vida. Por aquela estrada que corria ao longo da casa de Maria Deolinda, não passava ninguém. Tudo parecia abandonado. Mais lá baixo, junto ao grande ribeiro, onde ficavam as fábricas de serração e moagem que eram de seu pai, adivinhava-se sómente de tudo isso uma espécie de

gigante negro, adormecido. Sobre os campos e sobre a serra, perto e a distância, caía uma chuva de flocos de neve, que entristecia, que escurecia o ar. Mais ao longe, semeadas no peito da serra, as casas pequenas, as casas dos pobres, lembravam crianças abandonadas, tremendo de frio.

Maria Deolinda, romântica, sentimental, começou então a rezar olhares, longos e melancólicos, àquela paisagem de desolação e silêncio.

Depois de tomar o pequeno almoço, que uma criada lhe servira ali, no quarto, continuara a mesma penitência de olhares. Tinha-se envolvido, fechado, num casaco de peles. E, olhando a neve que descia em retalhos, tinha a ilusão de estar no ponto mais alto dum cemitério...

Maria Deolinda estava tão atenta, tão hipnotizada, que não sentiu os passos de sua tia ao entrar no seu quarto. Maria Deolinda olhava ao longe, na estrada, um vulto de homem, que coxeava, e vinha na direcção de sua casa. Conservava-se tão aplicada à marcha lenta e trôpega dos passos daquele homem, que foi preciso sua tia repetir-lhe a saudação dos bons dias, para que ela acordasse, para que ela se voltasse.

— Ah! estava aí há muito? Desculpe. — E as duas mulheres beijaram-se.

— Que dia tão triste, minha tia.

— Aqui na serra, não temos outros durante o Inverno. Dias como o de hoje costumam durar três meses...

— Deve morrer muita gente com este tempo.

— Não. Morrem os que tem de morrer. O frio só costuma matar aqueles que não trabalham; e, aqui, pobres ou ricos, todos trabalham.

Depois, as duas mulheres calaram-se. Fêz-se um silêncio tão profundo, que se ouvia a música monótona das pingas, caíndo sobre as pedras da estrada e do pátio.

De repente, Maria Deolinda apontou a sua tia o homem que vinha pela estrada, agora já mais próximo, e perguntou-lhe com um visível interesse marcado na voz e na fisionomia:



— Aquele pobre é de cá, da aldeia?

— Deve ser. Por aqui, só aparecem pobres conhecidos.

— Mas aquele deve ser um doente, um doido... Não sabe o que é, ontem, respondeu à criada que lhe foi levar uma esmola por minha ordem?

— Não sei.

— Ontem, estava eu encostada aqui, à janela, distraída. A certa altura, olho lá para baixo e vejo aquele homem, coberto de andrajos, a fitar-me, como que espantado de me ver. Chamei uma criada, e mandei-lhe uma esmola. E ele mandou-me dizer que «desta casa nada aceitava, nem mesmo que fôsse um passaporte para o céu!»

— Ah!... — e a tia de Maria Deolinda chegou-se, avizinhou-se, da janela, para ver se conhecia o meliante que tinha dado resposta tão ingrata a sua sobrinha. Porém, ao fitar o mendigo que lá baixo, sob a janela, tinha os olhos altos, num ar de insulto sobre elas, retirou-se, lançando um grito afritivo e empalidecendo.

— Que tem? Que lhe sucedeu, minha tia?

— Nada, nada. Fecha essa janela.

Maria Deolinda, olhou novamente para o mendigo que continuava no mesmo sítio, com o mesmo olhar enigmático, correu as cortinas, fechou a janela, e veio sentar-se junto de sua tia, que permanecia nervosa, agitada.

— Mas quem é aquele homem?

E Maria Deolinda ficou ansiosa, esperando que sua tia rasgasse um postigo de luz sobre o negro mistério daquele mendigo. Mas ela não respondeu. Parecia absorta, distante, afastada.

— Mas a tia conhece-o? — perguntou de novo Maria Deolinda.

— Que dizes? Ah! Conheço, conheço.

— Mas é um criminoso, um gatumo?

— Talvez o não seja... Porém, para nós, para



todos desta casa, deve ser muito mais perigoso de que tudo isso...

— Mas, que é que ele nos fez?

— Por enquanto, nada. Contudo, olha que a simples presença dele nesta terra é já para aterrar... Há já muitos anos que não aparecia por aqui! Sabe-se lá que má intenção o trouxe!?

— Oh! minha tia, não me inquiete com meias palavras, com sombras. Diga-me quem é esse homem.

— Eu pouco sei, Maria Deolinda. Teu pai é a única pessoa que o conhece bem, que sabe a razão porque é preciso temê-lo!

Deu um beijo a sua sobrinha, e saiu para o interior da grande casa, deixando atrás de si um silêncio cheio de enigmas e de inquietações...

* * *

Depois de almoço, Maria Deolinda passou com sua tia à sala de costura. O céu estava mais claro e a neve era agora mais rara e vagarosa.

Da janela daquela sala, via-se até mais distante e com mais amplitude. Avistava-se o jardim, de árvores nuas e trementes; mais longe, os campos, escondidos em redomas de nevoeiro; e, ainda mais longe, o dorso da serra, do Marão, assemelhava-se a um monstro emboscado em reposteiros de névoa.

As duas mulheres estavam silenciosas. Contudo, dentro do cérebro de Maria Deolinda, havia uma corrida, constante e vertiginosa, de perguntas sobre quem seria aquele homem que parecia ser o fantasma de sua família.

Porém, sua tia continuava a guardar segredo. Maria Deolinda voltara a insistir, a teimar. Nada conseguira descobrir. E começou a sentir-se intrigada, como que defraudada na confiança que sua família parecia negar-lhe.

«Teu pai é a única pessoa que sabe porque é preciso temê-lo!...», tinha-lhe dito sua tia. E aquela frase espicacava-lhe a alma. Só o pai a poderia esclarecer... Maria Deolinda estava confiada, convencida, de que ele não lhe negaria o maior segredo que andasse ligado à sua existência. Conhecia-o bem. Era muito seu amigo.

Porém, o pai de Maria Deolinda tinha partido, há dois dias, para o Pôrto, numa curta viagem de negócios, e devia regressar na noite daquele dia. Naquela saleta onde estavam Maria Deolinda e sua tia, via-se um retrato dele, e foi para lá que os olhos de sua filha se dirigiram, numa longa inquirição, num demorado interrogatório.

Logo que a tia se retirou, para dar ordens para a grande ceia daquela noite, a jovem abeirou-se mais do retrato de seu pai. Era um retrato exacto, perfeito. Um largo rosto, extensos bigodes, dando a sugestão de que aquela fisionomia pertencia a um homem forte, enérgico. E era assim, realmente, o seu pai. Um homem alto, de largo arcaboço, moreno, e duma declarada energia em todas as suas atitudes. Ela bem o sabia. Começara a conhecê-lo naquele colégio para onde fora levada aos oito anos, poucos meses depois da morte de sua mãe. E, agora, que tinha dezóito anos, tinha sobre seu pai a opinião de que era um homem austero, de poucos sorrisos e mesuras, mas amigo dos seus e honrado.

Entre o amor e respeito que tinha por seu pai vinha, porém, agora estender-se uma barreira de inquietação. Que espécie de temor, de receio, podia causar aquele homem, velho e mendigo, a sua família. As palavras, as evasivas de sua tia não lho explicaram. Pelo contrário. Criaram nela um estado torturante de conjecturas. E, ansiava, ansiava profundamente, pela noite, pela hora em que seu pai devia regressar a casa, para possuir, então, a chave daquele enigma...

De repente, porém, lembrou-se que, lá baixo, nas fábricas, havia um homem, o porteiro Custódio, que conhecia todos os passos de seu pai. Era já um velho, e tinha vindo para ali, nos primeiros anos da sua mocidade. Assistira ao casamento dos pais de Maria Deolinda, e recordava-se, com bastante precisão, do dia em que a mãe dela morreu.

Maria Deolinda agasalhou-se mais, e saiu. Para não atravessar a estrada, tomou por um caminho, que do jardim levava até às portas da fábrica. Quando chegou, o Custódio não a presenciou. Chamou-o repetidas vezes. Por fim, ele que dormia no seu pequeno cubículo de vigi-

lância, acordou estremunhado. Não conhecia Maria Deolinda. Não a via há muito tempo, desde que ela partira para o colégio. Foi preciso que ela se apresentasse, para que a memória daquele velho a levantasse das catacumbas do esquecimento.

— Preciso, senhor Custódio, que me dê uma informação.

— Pois sim, menina. Tudo o que eu souber, tudo o que eu souber — e seguiu à frente, a caminho do escritório, fazendo exclamações de alegria.

Tinham atravessado a fábrica de serração. No grande prédio, errava um profundo abandono. Não se via ninguém. Na véspera, todo o pessoal tinha recebido os seus salários. Só o Custódio, como sempre, como de costume, ficara, como única sentinela daquelas máquinas, daqueles monstros.

Tinham chegado ao escritório. Maria Deolinda sentou-se numa cadeira, e convidou Custódio a sentar-se também. Porém, o velho admirado de ver ali, na sua frente, uma tão linda mulher, que, um dia, vira criança, partir para longe — começou a lembrar outros tempos. No íntimo, ela agradecia-lhe aquela revisão do passado. Mais no íntimo, contudo, tomava vulto e gritava o seu desejo de conhecer o motivo por que sua família odiava e temia o outro velho, que lhe tinha rejeitado a esmola...

E começou a desalinhar em palavras para que Custódio o recordasse. Contou-lhe ainda a misteriosa resposta que sua tia lhe dera. E, terminou, por pedir, por implorar, àquele velho, que colocasse uma luz, uma luz de esclarecimentos, em volta do outro velho, cuja figura a começava a intimidar, a atormentar...

Custódio, que a tinha ouvido com marcada atenção, quis esquivar-se, dizendo que nada sabia, e que se alguma coisa existia, só o senhor seu paisinho lhe podia contar...

E essa resposta não agradou a Maria Deolinda. Levantou-se. Tornou-se mais pálida e mais nervosa. O Custódio fitava-a apiedado, temendo revelar-lhe um segredo que a devia ferir. Por fim, para a tranquilizar, disse-lhe com uma voz em que havia algum receio dissolvido:

— Esse homem não tem importância, é um desgraçado. Chamam-lhe «O Crucificado». Trabalhou aqui, na fábrica quasi toda a sua vida, enquanto teve saúde. Um dia, há anos, o seu paisinho despediu-o. Não vale a pena ter receio. «O Crucificado» não tem saúde nem para fazer mal a uma mosca... Esteja descansada, menina.

Deolinda percebeu bem nestas palavras do Custódio uma espécie de reposteiro de verdades mentirosas, com mais fundo...

— Eu pressinto que há mais alguma coisa do que isso que me contou. Fale verdade. Se é algum crime que meu pai praticou, conte-mo você Custódio, para que ele, logo à noite, quando chegar do Pôrto, não se envergonhe das minhas perguntas, que eu evitarei de lhe dirigir.

O velho olhou-a compungido. Sentia desejos de lhe revelar tudo quanto sabia a respeito do «Crucificado». Não podia, não devia... Seria metê-la num caminho de tortura e de vergonha!

Durante muito tempo, ficaram mudos, fitando-se mutuamente. Depois, ela caiu numa cadeira, a chorar baixo, a chorar, envergonhada, pelo crime que lhe parecia que o pai devia ter praticado...

As lágrimas de Maria Deolinda comoveram, finalmente, o Custódio. E, dando à sua voz um tom de afago, de carícia, começou a falar.

Era verdade... «O Crucificado» viera para ali, para a fábrica de moagem, quando era já quasi homem. O patrão considerava-o um dos melhores operários. Estimava-o muito! Casou. E o patrão fora seu padrinho de casamento. Para todos os serviços de responsabilidade e confiança, era chamado «O Crucificado». Era muito considerado! Passaram anos. Do casamento do «Crucificado», a mulher tinha-lhe dado duas filhas, gêmeas. Cresceram. Eram duas raparigas desabrochando em mocidade, em belêsa! O pai de Maria Deolinda gostava muito delas. Trabalhavam também na fábrica, mas em serviços pouco violentos. Um dia que ele, o patrão, partira para o Pôrto, as duas raparigas desapareceram... Começou a dizer-se que o patrão...

— Mas deve ser mentira... — rematou o Custódio, como que pretendendo desmontear o rumo da conclusão a que devia ter chegado Maria Deolinda.

Ela conservava-se calma. Como contava com

uma terrível surpresa, aquelas confidências não a tinham apanhado de improviso. Foi, pois, numa voz aparentemente tranqüila, que perguntou:

— E que fazem agora essas duas raparigas?

— Não sei, menina. Nunca mais cá voltaram. O pai ainda cá continuou a trabalhar, durante alguns anos. Porém, um dia, caiu de cama com um ataque de reumatismo. Não podia trabalhar. O seu paisinho cuidou dele durante algumas semanas. Depois... Como ele não trabalhava, mandou-o embora e à mulher. E eu julgava-os longe ou já mortos. Não sabia que ainda existiam...

Maria Deolinda levantou-se. Deixou algumas notas nas mãos de Custódio, e voltou para casa. Levava um ar de scombida. Ela esperava que seu pai pudesse cometer todos os crimes, mas menos aquele. Andava vagorosamente, sem pressa. Não sentia o ar frio, cortante, da tarde. E, de olhos no chão, fitando as pedras que marcava, quando ia a caminho das fábricas, pensava, muito intimamente, se logo, à noite, quando seu pai chegasse, o poderia beijar, sem asco, sem vergonha, sem repulsa...

* * *

A noite tinha descido como um capuz negro sobre todo o Marão.

Maria Deolinda, logo que chegara, fechou-se no seu quarto. Passou horas a chorar. Quando sua tia lhe veio bater à porta, dizendo-lhe que, junto do fogão da casa de jantar, devia estar melhor — levantou-se e acompanhou-a.

Sobre a mesa, onde devia ser servida a ceia daquela noite de Natal, estendiam-se diversas iguarias. Ao centro, um grande ramo de flores parecia presidir àquela ceia de família, que dentro de alguns minutos, devia começar.

A tia de Maria Deolinda, de cabelo nevado e passos mindinhos, ia e vinha, dando ordens, reparando no relógio, e mal olhando para a sobrinha que, sentada perto do fogão, continuava melancólica, continuava esmagada pelas revelações que o Custódio lhe fizera.

— São quasi nove horas — disse-lhe a tia. Teu pai deve estar a chegar. De tarde, mandei o moço, o João, esperá-lo.

Deolinda olhou-a sem lhe responder. Pouco tempo depois, ouviu-se o galopar dum cavalo, e logo a seguir, alguém que tocava alfitivamente à porta de entrada.

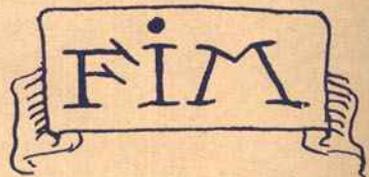
Uma criada foi abrir. E, o João, de cabelo em desalinho e de rosto apavorado, irrompeu na sala onde estavam Maria Deolinda e sua tia. Vinha ofegante. Respirou fundo. Depois voltando-se, congestionado de medo, para a tia de Deolinda, disse-lhe:

— Mataram o amo!

— Que dizes? — responderam-lhe num grito.

— A verdade, minha senhora. E explicou: — Eu vinha muito à frente. A certa altura, como não ouvisse o trotar do cavalo em que vinha o senhor, voltei-me. Não o vi! Voltei para trás. Lá adiante, próximo dos Quatro Caminhos, encontrei-o, estendido no chão. Ao lado, está, também, o corpo do «Crucificado», morto.

Ao ouvir estas últimas palavras de João, a tia de Maria Deolinda foi vencida por uma síncope. Por um fulminante contágio de dor toda a criada-garçom começou aos gritos, clamando, chorando. Só Maria Deolinda permaneceu em silêncio, quieta, aparentemente calma, como se já estivesse preparada para aquela dolorosa notícia. Tinha o rosto sereno, como se tivesse sido hipnotizada. Aos primeiros gritos das criadas, ordenou logo silêncio. Mandou conduzir sua tia para o seu quarto. E, enquanto um criado corria a avisar a autoridade, ela ajoelhou diante de um Cristo de prata, que havia dependurado numa das paredes daquela sala, e que parecia aureolado por uma estranha luminosidade de justiça!



FLOR DA ROSA



Flôr da Rosa.—Fachada principal

Tem esta denominação poética uma pequena aldeia que fica a dois quilómetros e meio do Crato, e é cortada em toda a sua extensão pela estrada que do Crato conduz a Gáfete.

Não se dispensa de ir ali, estando no Crato, o devoto das coisas antigas, isto é, dos monumentos que são páginas da nossa História, ainda que não sejam, como no caso presente, páginas d'Arte. Vitor Hugo, cuja modéstia não era uma das suas maiores virtudes, escrevendo a *Noire Dame*, teve esta frase de desafio, atirada ao edifício do mesmo nome — *cecil tuera celi*. Os livros têm mais garantida, mais assegurada a sua conservação que os monumentos; guardam-se nas bibliotecas públicas e particulares, nas bibliotecas do mundo inteiro, traduzidos em várias línguas, quando é excepcional o seu valor, e editam-se repetidamente, em edições de milhares. Mas o livro não mata o monumento; amplia-o como narrativa; torna-o mais explícito como crônica, e completa, sem o tornar maior, o seu valor documental. A Itália é o país das ruínas, e nas suas bibliotecas e arquivos não há livros que valham as trágicas mutilações do Coliseu e do Fórum para nos dizerem o que foi a maior cidade de todos os impérios, o maior império de todas as idades.

Quási se pode avaliar do grau de cultura dum povo pelo respeito ou desprezo que mostra pelos monumentos nacionais, e sob este ponto de vista, forçoso e triste é reconhecê-lo, Portugal é dos povos menos cultos do Orbe.

Não admira, pois, que em Flôr da Rosa haja um montão de ruínas, que por irrisão foi há poucos anos classificado de *monumento nacional*. Com mais propriedade lhe chamaríamos vergonha nacional, e para ela chamaríamos a atenção dos que aceitaram e sobre si tomaram o encargo de velar pela conservação de tais relíquias, abundantes no país, se tão lamentável miséria ainda representasse ou pudesse vir a representar um valor no inventário da nossa riqueza arqueológica.

Melhor fôra, não querendo cercar de respeito, dando-lhe ares de decência, aquele monumento derrocado, arrasá-lo de vez e por completo, para que não grite a quem passa o desmazelo crimonoso do Estado, e a falta dum esclarecido sentimento patriótico por banda dos que, na região, se podem considerar como legítimos herdeiros daquele depósito umas poucas de vezes secular. Flôr da Rosa é um modesto logarejo, modesto e pobre, tão pobre e tão modesto que não há

verdadeiramente o direito de estranhar que tenha assistido sem um protesto, sem uma reclamação, sem um grito de revolta à lenta mas contínua e já agora, parece-nos, irreparável derrocada dum monumento que de certo modo poderia fazer dela uma espécie de Meca para os devotos, os sinceramente devotos da religião da Pátria. Mas o Crato, vila próxima, é uma população importante, de velhas e nobres tradições, suficientemente autorizada para se fazer ouvir nas altas regiões, quando reivindica direitos que lhe não podem ser contestados! Ora Flôr da Rosa é uma gravura artística que ilustra a história do Crato, capítulo da nossa história geral, e dos mais importantes, porque nele se compreende a biografia dos Hospitaleiros ou Maltezes, isto é, da chamada *Ordem de Malta*, uma das mais importantes ordens religiosas e militares que tão poderosamente contribuíram para a formação e consolidação da nacionalidade. Sobre o priorado do Crato, seu direito e jurisdição, escreveu Pascoal José de Melo uma substancial dissertação histórico-jurídica, inspirada, sem dúvida, no bom desejo de tornar claros e inofensíveis os direitos do Imperate

sobre uma Ordem estrangeira, no Reino, e sobre os seus professos e bens, sem que para isso dependa de Bulas pontificiais, mas também inspirada no despeito de lhe terem regateado uns magros dinheiros a que se julgava nesse direito por virtude das funções que exercia na qualidade de provisor, nomeado por D. Pedro III, do Priorado do Crato.

A verdade é que o Crato assistiu, indiferente, ao ruir da Igreja e Convento que havia em Flôr da Rosa, e deu-se por satisfeito quando o Estado, olhando para ali de soslão, disse com ares protectores — *isto agora fica ao meu cuidado, como monumento nacional*.

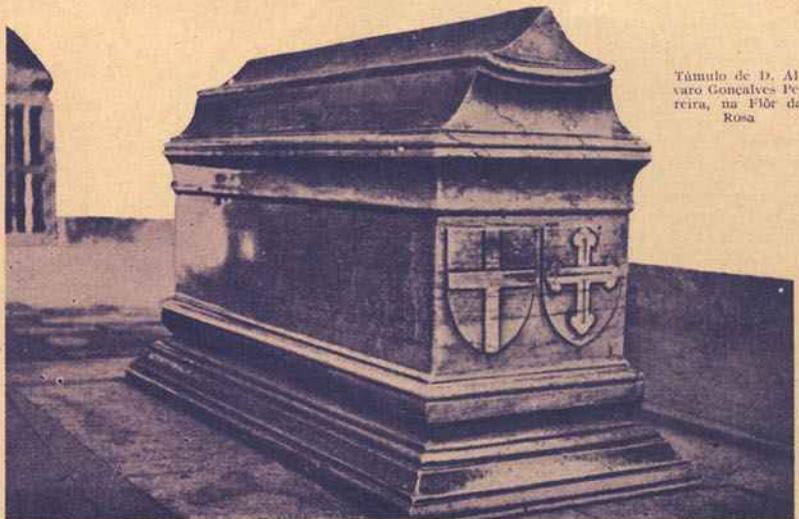
Como se não pudesse com tamanha honra, o que ainda estava de pé, foi-se abaixo — *ad majorem dei gloriam*.

A história de Flôr da Rosa é simples, e conta-se em poucas linhas.

D. Alvaro Gonçalves Pereira, sexto prior do Crato, mandou ali construir, em 1356, uma igreja e um mosteiro, igreja e mosteiro que constituíam, principalmente a igreja, uma fortaleza, um castelo com ameias, guaritas e cubelos ou torreses. Nada admira que alguns tempos fôsem baluartes, num tempo em que o profano andalva tão unido ao sagrado, que a carreira eclesiástica e a carreira militar eram, para milhares de homens, uma só carreira, simultaneamente espalhando benções e cutiladas.

A igreja que D. Alvaro, cavaleiro da Ordem dos Hospitaleiros, mais tarde crismada em Ordem de Malta, fez construir em Flôr da Rosa, era em estilo gótico, duma só nave; ainda há poucos anos ali se via o túmulo, em mármore, do seu ilustre fundador, cujo cadáver foi removido para a igreja paroquial da freguesia, em automóvel — precisamente o mesmo automóvel em que eu visitei o distrito de Portalegre, e guiado pelo mesmo ilustre *chauffeur*, o dr. Ablício de Ferreira, por quem soube que D. Alvaro ainda não estava completamente reduzido a ossos, conservando-se em razoável estado o hábito que lhe servira de mortalla.

O claustro do Mosteiro, circunscrito por oito arcadas, de belo mármore, jogava bem com a igreja, e porque também era torreado, o todo dava a impressão dum castelo em *camouflage* de templo.



Túmulo de D. Alvaro Gonçalves Pereira, na Flôr da Rosa



Flôr da Rosa — Vista das ruínas depois da derrocada de 1897

O que fica dito com respeito a D. Alvaro, e às suas edificações em Flôr da Rosa, seria suficiente para qualificarmos de criminoso o abandono a que foi votado o templo e o mosteiro, abandono que não cessou pelo facto do Estado, tarde e a más horas, ter dito às gentes — isto agora passa a monumento nacional.

Outras edificações, de menor importância, deveu o país à iniciativa de D. Alvaro, soldado cuja valentia se assinalou brilhantemente na batalha do Salado. O hábito de frade não lhe quebrou o ânimo guerreiro, hospitalário que como poucos compreendeu e incarnou o espírito da sua Ordem, na qual entrou, como era da regra, fazendo os votos substanciais de obediência, pobreza e castidade.

Tinha então, como já dissemos, dezóito anos. Do modo como observou e cumpriu o voto de castidade faz-se idéa aproximada, sabendo-se que foi pai de trinta e dois filhos, machos e fêmeas. Bem merecia o cognome de povoador, talvez mais que o D. Sancho, o homem que, além de criar núcleos de população, tão largamente criava povoadores. Ora dos trinta e dois filhos de D. Alvaro, um chamou-se Nuno Alvares Pereira, e veio a ser o herói de Aljubarrota. A mãe de Nuno Alvares era criada do Paço, e veio a morrer freira, já bastante avançada em idade.

Não faz sentido glorificar como herói e como sauto o filho, e votar ao abandono a obra que o pai realizou, monge e guerreiro, inspirado na fé e no patriotismo, os dois grandes sentimentos que tornaram possível a formação desta pequena nacionalidade, cujas façanhas gloriosas bem mereciam ser cantadas por um Homero, se as não cantasse um Camões.

Se o templo e o mosteiro fundados por D. Alvaro em Flôr da Rosa tivessem sido preservado dos estragos do tempo, conservando-se íntegro na elegância da sua linha architectónica e invulnerável na rizeza da sua estrutura em mármore, ali é que deviam estar os restos do Condestável, e então aquele pequenino burgo seria um lugar de romagem para nacionais e estrangeiros — os nacionais que, por devoção religiosa, quisessem adorar o santo, ou que, por devoção, patriótica quisesse homenagear o herói, e os estrangeiros cultos que nos visiassem, sinceramente admiradores de todos os heróis, mesmo que não sejam da sua História, ou piedosamente devotos de todos os santos, mesmo que não sejam do seu calendário.

Singular país o nosso!
Cria-se Fátima, e deixa-se perder Flôr da Rosa!

A dois passos do Crato, menos de três quilómetros, Flôr da Rosa podia e devia ser o mais lindo arrabalde desta vila histórica, rica de tradições. Não custava muito ter conservado o seu castelo e um trecho das suas muralhas, e nada mais natural que ver-se ali instalado, em edificio próprio, o arquivo dessa famosa ordem dos ir-

mãos hospitalários, criada em Jerusalém antes de se constituir o reino de Portugal graças à valentia e astúcia de D. Afonso Henriques. Só em 1320, reinando D. Denis, é que foi criada a Ordem Militar de Cristo, aproveitando-se, para isso, os despojos dos Templários, Ordem extinta por um breve pontifício, e que em França teve um fim espantosamente trágico.

É certo que D. João de Austria, em 1662, quasi arrazou esta vila; mas coisa fácil teria sido reconstitui-la, conservando-lhe a fisionomia que tinha desde séculos, conquistada aos mouros, no terceiro quarteto do século XII pelo fundador da Monarquia, que Deus haja em sua santa guarda.

Mereceu o Crato as honras de ser escolhido para cabeça da Ordem de Malta, em Portugal, e D. Alvaro, filho do Arcebispo de Braga, mercê da influência paterna, ascendeu ao honroso cargo de grão-prior, honroso e de proveitos grados.

Seria o monge que sugeriu ao guerreiro a fundação de Flôr da Rosa, ou seria o guerreiro que fez a sugestão ao frade?

No juramento que prestavam ao serem admitidos na Ordem, os cavaleiros comprometiam-se, antes de mais nada, a serem fiéis aos Reis de Portugal — *Regibus Portugalliae fidelis ero* — a defenderem a fé pelas armas; irem às guerras ultramarinas, quando os chamassem; a darem toda a ajuda contra os reis e príncipes infiéis; a nunca estarem sem armas e cavalos; a não fugirem de três inimigos; a não venderem nem entregarem os bens da Ordem; a ajudarem por todas as formas, inclusivamente por conselhos, os seus irmãos e confrades.

Não fugir de três inimigos!

Os cavaleiros da Ordem obrigavam-se, por

juramento, a serem valentes até ao ponto de aceitarem a luta na proporção de um para três, condição esta que determinava uma rigosa selecção, eliminados os fracos de corpo e os tímidos de ânimo, às vezes podendo ser bons frades, mas não dando garantias de serem bons soldados. Na Ordem dos Templários a fórmula de juramento era a mesma, o que não admira, porque as duas Ordens eram da mesma índole, e tinham sido criadas para o mesmo fim, sujeitas às mesmas regras, com pequenas diferenças, empregando as mesmas armas de combate — o rosário e a catana.

D. Alvaro fez prodígios de bravura na batalha do Salado servindo-lhe de escudo uma reliquia do santo-lenho, que era uma espécie de *in hoc signo*, a gritar à legião portuguesa que para a frente é que era o caminho, porque o Deus das vitórias lhes corria dos altos céus. A darmos crédito a alguns dos nossos cronistas, ricos de imaginação, nessa famosa batalha os portugueses não combateram com os infiéis na proporção de um para três, mas de um para uns poucos de mil — reptindo, ampliada, a façanha dos de França em mais dum encontro, no seu constante pelear com a moirama.

Do velho Crato, onde casaram reis, terra amuralhada que a fúria castelhana reduziu a escombros, residência de D. Alvaro que dali presidiu à construção de Flôr da Rosa, quasi nada resta, a não serem uns bocadinhos de muralha, atestando a sua remota antiguidade. Não há vestígios de qualquer das suas portas, que eram cinco, uma das quais se chamava, não sabemos porque, Berigel.

Do mosteiro e templo de Flôr da Rosa, como já dissemos, resta um montão de ruínas, sendo de admirar que debaixo delas não esteja o túmulo de D. Alvaro, pai do Condestável, um dos maiores vultos da nossa História, onde os grandes vultos não faltam. Importa dizer, porque a verdade a tudo sobreleva, que alguns dos filhos de D. Alvaro, irmãos de D. Nuno, tomaram o partido de Castela contra Portugal, e que um neto, um descendente do herói de Aljubarrota, também chamado Nuno Alvares Pereira, duzentos anos mais tarde, se fez partidário da causa de Filipe II contra o Prior do Crato, e não o fez por paixão, mas por dinheiro, conforme resa a História.

Se alguma coisa ainda se pode salvar de Flôr da Rosa, é acudir-lhe sem tardança e pela maneira mais eficaz; mas se do tesouro archeológico que ali havia já nada resta de aproveitável, então ponham aqueles bocados de parede rasos com o chão, removam o entulho para fora da aldeia, e no lugar onde se erguia o templo e o mosteiro, convenientemente ajardinado, ergasse uma estátua ao Desmazelo, pondo-lhe na base quatro figuras simbólicas — a Ignorância, a Estultícia, a Mentira e a Basófia.

BRITO CAMACHO.



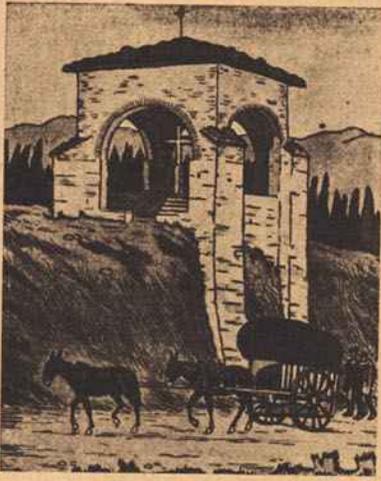
Flôr da Rosa, monumento nacional, tal como se encontra

AMARO



VASCO FERNANDES =
(GRÃO VASCO)
S. PEDRO APÓSTOLO
MUSEV GRÃO VASCO-DE VIZEV

S. JOÃO DO PÉ DA PORTA



Calvário de Huarte (Arredores de S. João)

— Wellington entrou por ali — disse o meu amável guia, virado para terras de Espanha e apontando a fita branca da estrada que coleava pelas faldas dos montes até se engolfar ao longe no desfiladeiro de Roncesvales. — Antes da via férrea transpor o Bidassoa, insinuando-se pelas ravinas do Choldocagnagna, a porta principal dos Pireneus era esta. Não tinham melhor caminho os belfurinhos e almocreves que traficavam entre a Navarra e a terra Basca. Ainda não há cinquenta anos passavam por aí, dia a dia, rédeas, de mais de cem machos, ajuizadas de campainhas e penachos berrantes, permutando os produtos espanhóis, vinhos, lãs,

azeites, pela quincalharía e fazendas de França. S.^o Jean-Pied-de-Port, a cidadezinha que vê hoje em decadência, era o empório magnífico das duas nações. A par, constituía, pela sua posição, a chave militar da cordilheira pirenaica. Por isso andou de mão em mão, até que Vauban a fortificou com tanta arte e segurança, chamando-lhe êle próprio a sua *bombonnière*, que a tornou francesa uma vez para sempre.

Do alto da cidadela onde estávamos, via-se quasi tôda a cintura da muralha, dum vermelho rubro como se fôsse de cobre, tão sólida como se a acabassem de construir, contornar o casario, com seteiras à altura dos peitos, trechos do fosso, e as quatro portas perfiladas aos quatro pontos com seus creneis e guaritas. O rio cortava a cidade em duas e o panorama do bairro ribeirinho com as casas alinhadas sobre a água, janelas e sacadas multicôres cantando ao sol, para lembrar os *canaletos* só lhe faltavam gondolas. A tôda a volta, como diadema de oiro fulvo, os montes subiam em pendor suave,



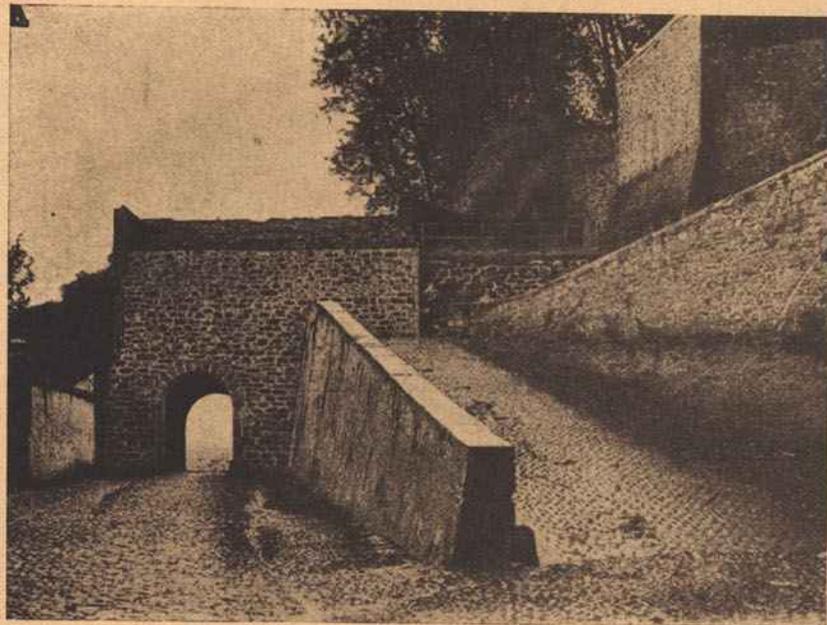
Tocador de chirola (S. João)

com rocha viva nos picos, mato, relva, sementio e vinha, sucessivamente, a galgar para o vale onde a povoação se encastrava qual pérola na concha, mas, no segundo plano, píncaros altos espreitavam e eram os famigerados montes, sentinelas de Roncesvales.

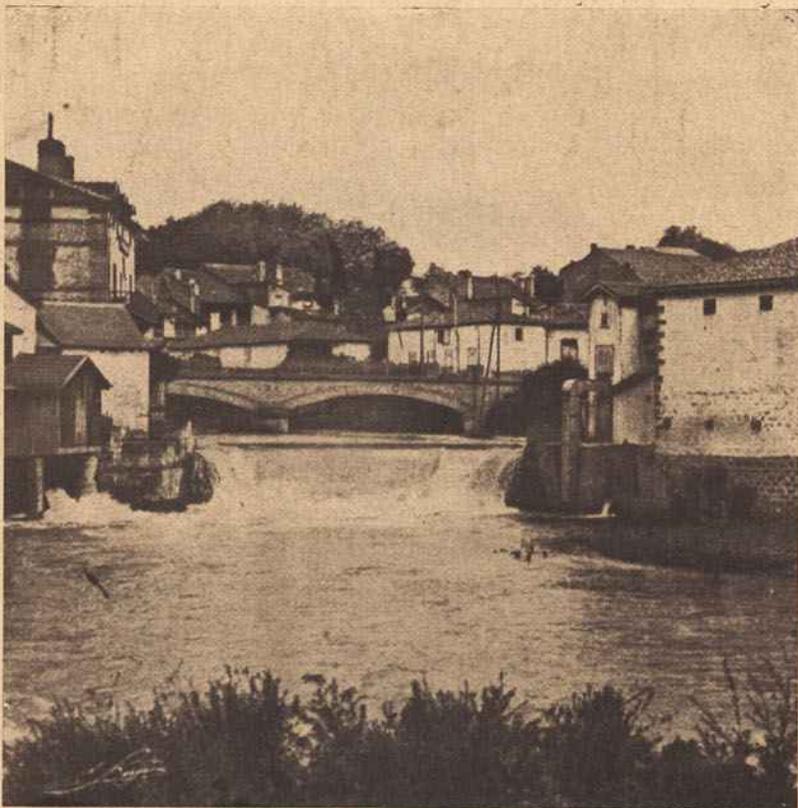
— Lá em baixo — tornou o guia, estendendo a mão a oeste — fica o *Passo de Roldão*. *Utheca Gaiz* lhe chamam os bascos, isto é *porta excomungada*. Reza a lenda que o guerreiro, chegando ali, encontrou o caminho cortado por um imenso rochedo. Não esteve com meias medidas e, dando-lhe um formidável pontapé, abriu aquele óculo por onde o senhor passou com o automóvel.

— Reparei no óculo, de facto. Nem uma mina de chedite faria aquelas bonitas obras. Pelos visões, um pontapé do tal Roldão atirava com um patife à lua.

— Não zombe da fábula. Não leu no seu Tito Lívio que Anibal pulverizou muito fragoedo dos Alpes acendendo lume por cima e deitando-lhe vinagre? Olhe, êsse também devia ter atravessado por aqui à testa dos



Porta de St. Jacques e entrada para a fortaleza



Uma formosa vista do Niva

seus lusitanos e outros iberos. A história não é precisa neste ponto, mas supô-lo não é vão, porque outro conducto não existia. a rota das invasões era esta. Vê além aquele pico? É Altobiscar. No sopé travou-se a batalha em que foi derrotada a rearguarda do exército de Carlos Magno e o sobrinho d'ele perdeu a vida. Há um poema basco que decanta o facto, e se pode considerar o reverso da *Chanson de Roland*. A sùmula é esta: «Ouviu-se um grande brado no meio dos montes e o senhor da casa veio à porta: Que será? Que me querem? O cão que estava a dormir saltou do ninho e encheu os concavos de Altobiscar com ladridos furiosos. No barrocal de Ibañeta vai grande rumor. Repercuta contra as rochas. É o inimigo que se aproxima. Sôam buzinas, o dono da casa afia as flechas. Lá veem, lá veem! Que ouriço de lanças! Flutuam no ar pendões e flâmulas; scintila o aço. Quantos são? Conta-os, menino, conta-os bem. Um, dois, vinte, mil, dezenas de mil. Não têm conto. Vamos a êles; joguemos-lhes sôbre a ca-

beça todos êstes penedos; façamo-los em lama. Que vinham cá fazer aos nossos montes se Deus os fêz para ninguém passar por êles?!

Os penedos esmigalham as tropas; é um mar de sangue. Se tendes cavallo, fugi à rédea solta. Foge tu, Carlos Magno, com a tua pluma negra e manto vermelho, ao vento. Roldão, o invencível, vai ser pasto dos corvos. E agora, ó Bascos, sus a êles, que debandam aos quatro pontos. Quem vê as oriflamas e estandartes? Quem vê faiscar as armas brancas? Onde está a seara eriçada das lanças? Fogem, fogem, os que não baquearam no desfiladeiro. Conta, menino, os fugitivos... Quantos? Conta bem... vinte... dezanove... dez... um. Um, não há mais. Acabou-se. Senhor da casa, podes voltar para a lareira com o cão. Limpa as flechas, pendura a buzina. A noite as aves rapaces virão banquetear-se nos cadáveres, e os seus ossos ficarão ali a luzir, a branquejar por tôda a eternidade». Duas vezes os Francos passaram a portela perigosa de Roncesvaes: Luís, o Bonacheirão, rei da Aquitania, à volta



A pitoresca Porta Velha

duma expedição em Espanha, preservou o seu exército do ataque dos montanhesez, tomando mulheres e crianças como refens, só as soltando quando hegou a ponto onde se podia considerar livre de emboscadas. Foi menos feliz numa segunda incursão a Pampelona, pois aí sofreu derrota tão completa como a ala que comandava Roldão no exército de Carlos Magno. Durante as guerras da República e do Império, Roncesvales foi o teatro de assinalados combates. Marbot derrotou ali o duque de Ossuna. Soult, perseguido por Wellington, fêz meia volta diante de S.^o Jean-Pied-de-Port, atravessou o desfi-

e caixas pintadas, medravam flôres de muitas castas, e era agradável ver aquele jardim suspenso que se sucedia a todo o longo das fachadas. Agora as donas imobilizadas no traço das portas, a rua estava deserta e silenciosa. Um bafo de ruina e, porventura, de pobreza, soprava daquelas moradias, tôdas elas com a sua data na padieira, ufanamente, para que se soubesse. Um pouco da alma espanhola, inquieta e versicolor, sentia-se esparsa em tudo, nos olhos das raparigas, no lazonismo dos habitantes, nas sacadas floridas, no estilo dos prédios.

— Esta casa com a porta em ogiva — avisou-me o guia — foi o cárcere do Santo Officio. Nas paredes ainda estão pregadas as gollhãs. As masmorras subterrâneas são pavorosas.

Para lá da igreja, de portada compósita, da qual o campanário servia ao mesmo tempo de baluarte, a uma porta em que se vendiam bugigangas bascas, o meu guia parou, proferindo:

— Aqui está a casa que albergou o maior adversário de Napoleão. Contava meu avô por o ter ouvido dizer ao pai, que Wellington entrou de manhãzinha, no meio duma escolta de dragões. Vinha com apetite e, como não houvesse nada na cidade, esburgada pelos franceses, os soldados meteram-se pelo rio a caçar as patas.

Nada tinha de particular a casa; às janelas a que teria assomado a cabeça enérgica do



A velha Rue d'Espagne



Porta de França

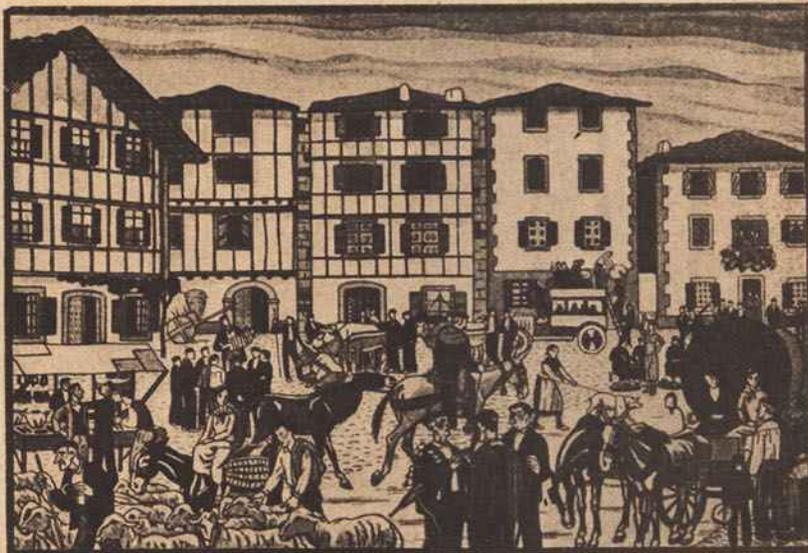
ladeiro de má fama à testa de 35.000 homens, caindo de rópia sobre os 18.000 portugueses e ingleses postados na campina. Estes operaram a retirada até a aldeia de Sorauren onde se travou a batalha que terminou pela derrota dos franceses. Foi este um dos episódios culminantes dos combates que se deram desde S. Sebastien a S.^o Jean-Pied-de-Port, base do triângulo ocupado pelos franceses diante do exército anglo-luso-espanhol. Vou-lhe mostrar a casa onde esteve Wellington, segundo rezava um meu avô, negociante de cortumes nesta cidade.

Deixamos a cidadela e fomos descendo a íngreme rua de Espanha, calçada de longos paralelepípedos vermelhos e ladeada de casas em cantaria vermelha, com aspecto mais espanhol que basco. As portas e às janelas mulheres faziam meia entretidas em seus colóquios de comadres. Aos balcões, em vasos

duque, uns grandes olhos pretos fitavam-nos. Ao lado, medravam cravos, e o painel de hoje era mais delicioso que a reconstituição da scena de ontem. Desandámos.

O sol descia por detrás dos montes, ensanguentando ainda mais as pedras vermelhas da cidade. Das faldas, banhadas de penumbra, escorria uma grande melancolia. Tôda a cidadezinha, de resto, era uma página esmorecente de legenda. S. João do Pé da Porta, como tudo o que existe debaixo da rosa do sol, seguia a curva fatal, até nos seus escombros crescerem cardos e silvas bravas e saltarem faunos e outros animais das sombras, como reza a santa Bíblia das ruínas de Babilónia.

AQUILINO RIBEIRO.



Feira de Esplettes, nos arredores de S. João

EM VISEU

UMA TARDE NO MUSEU GRÃO VASCO

Quando atravesso as portas silenciosas dos museus, costumo envergar-me de tristeza, como se tivesse de percorrer as avenidas abandonadas, desertas e melancólicas, dos grandes cemitérios. Um museu é, sem exa-

gêro, o que há de mais parecido a uma necrópole. A sua semelhança destaca-se, mantém-se, profundamente, na luz baça, misteriosa, que viaja sobre os objectos. E, no seu abandono doentio, na ausência de vida,

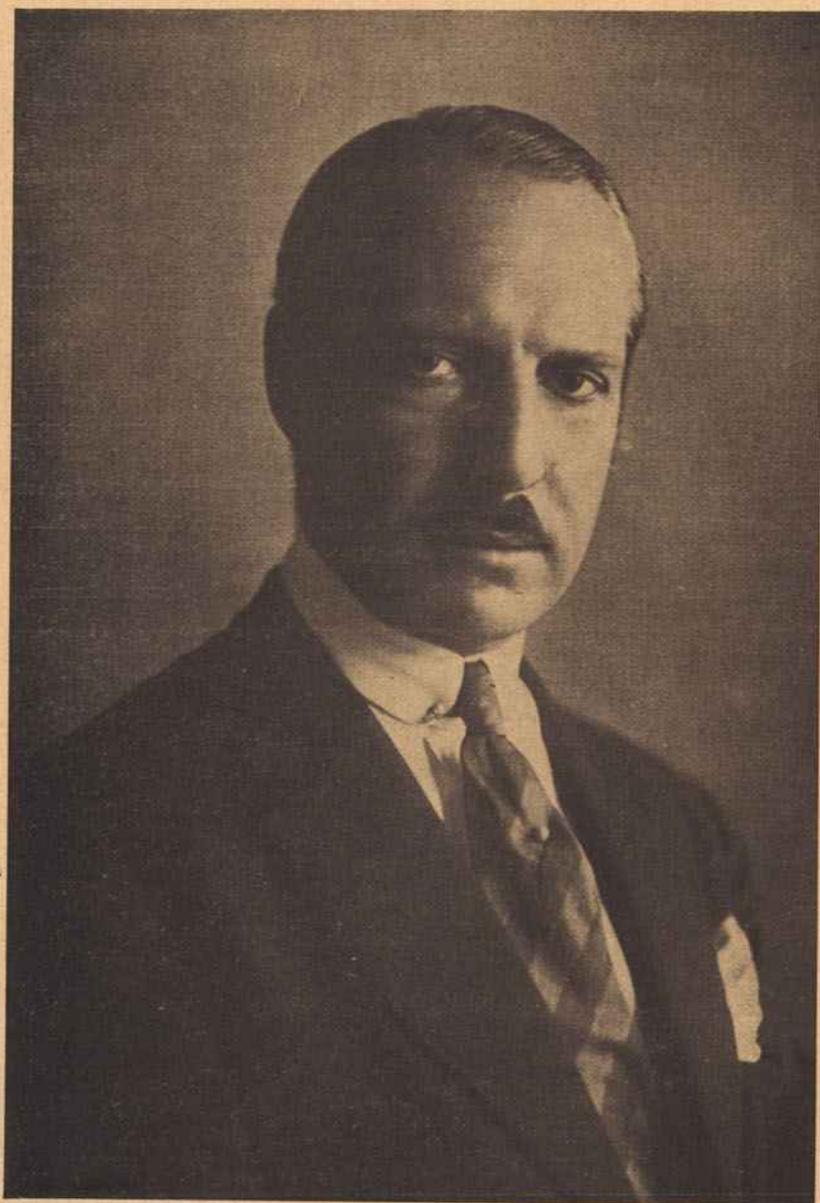
de movimento, parece, até, habitar um mundo de fantasmas, escondidos em pó.

Há semanas, tive, porém, que modificar a minha opinião sobre os museus... Encontrei uma excepção — um museu que me convidou, que me intimou, até, a modificar a minha censura a esses cemitérios de Arte em um espontâneo elogio.

Foi em Viseu, o Museu Grão Vasco, numa tarde de verão, ausente sol, escondida numa gaze de luz violácea. Acompanhado de Almeida Moreira — sentinela alerta e carinhosa do Viseu histórico e artístico —, começo a minha visita a essa grande basílica de obras de arte e de atestados preciosos da nossa história. Logo de entrada, logo de começo, recebo uma boa impressão, que me aproxima, que me coloca, através a luz suave que envolve tudo quanto meus olhos avistam, num tempo, numa época distante...

Estou dentro da sala destinada às obras de Vasco Fernandes. Por uma janela do nascente, completamente aberta, entra uma larga tira de sol. Sobre os grandes quadros, que cobrem as paredes, viaja um véu de luz, doce, tranqüila. Almeida Moreira, o único defensor e verdadeira alma criadora do Museu Grão Vasco — confessa-me as dificuldades, com que lutou para defender as obras desse grande pintor, e, outras, muitas outras, que continua a encontrar na sua difícil senda de apaixonado da Arte:

— Estes quadros que vê, estavam longe, em mãos inimigas, em mãos que não lhes conheciam o valor, mas que, a-pesar-de tudo, os não largavam... Lutei por eles! A pouco e pouco, dei-lhes, como mereciam, o seu lugar — este lugar de exposição e de honra!



O ilustre director do Museu Grão Vasco, capitão Almeida Moreira

— Vasco Fernandes tem, a-pesar disso, vastas obras espalhadas por outros museus.

— Sim. Mas, aqui, estão os seus melhores quadros.

Recebo esta perfeita, até completa, resposta de Almeida Moreira, no momento em que os meus olhos fitam, admirados, agradavelmente surpreendidos, a enorme tela «Calvário» de Vasco Fernandes. Uma grande página, de cores vivas, com expressões de dó e espanto, nos rostos das diversas figuras. As três cruces — «Cristo entre os dois ladrões» — são como que três templos de martírios. Admirável e pungente composição. Cá baixo, aos pés da cruz das torturas de seu filho, a Virgem, de rosto martirizado, bordado de lágrimas e com as mãos descaídas, num gesto de prece desfalecida. Retiro os olhos e deixo-os parar diante do quadro «S. Pedro» do mesmo pintor. Este quadro oferece grandes sugestões. A atitude da mão direita do santo — é um convite a acto de contrição. La-

deando a figura, duas belas páginas simbólicas. É este ou o «Calvário», o melhor quadro de Vasco Fernandes? Hesito em responder a esta minha pergunta. Por fim, digo a mim próprio que, um e outro, são, sem dúvida nenhuma, duas obras inconfundíveis, duas maravilhas desse glorioso pintor.

Gasto ainda mais alguns momentos nesta sala. Em frente de algumas estátuas, perante todos os objectos, paro, a evocar séculos afastados, séculos que já repousam nas catacumbas do tempo, mas que surgem à superfície dos nossos dias através a conservação destes atestados, destas recordações, vèlhinhãs e carcomidas, mas, ainda e sempre, saudades vivas de eras longínquas.

Sempre acompanhado de Almeida Moreira, raro espirito de conversador, incomparável descobridor de valores e documentos artísticos — passo às salas novas, mais recentes, do Museu Grão Vasco. A sala século XVIII mostra-me, põe-me em contacto com notáveis

modelos de porcelanas de incomparável apêgo. Sobre o peito das longas paredes, banhadas por uma luz vibrante, destacam-se quadros, cuidadosamente retocados, cuidadosamente defendidos. Tenho a alegria de me deixar surpreender perante o carinho com que tudo está disposto, com que tudo se mostra, naturalmente, sem severidade, aos olhos dos visitantes. Nesta sala, como, também, na sala onde estão expostas as telas de Jorge Afonso — páginas do martírio de Cristo, artisticamente defendidas e restauradas —, nota-se, antes do exame de admiração, que, o pó, esse aborrecido pó que é infalível em todos os museus, nos não espera, precisamente porque quem vigia, e morosamente, esta catedral de arte, o não consente, nem por um ápice, sobre todos estes preciosos periodos da nossa história e do nosso património artístico.

Chego, agora, à parte, às salas novas, da nossa época. Almeida Moreira, sempre solf-



Sala Vasco Fernandes no Museu Grão Vasco



Sala do século XVIII no Museu Grão Vasco

cito, sempre com o cuidado de ser amável, informa-me:

— Chegamos às salas dos contemporâneos. Esta ala do museu não foi ainda inaugurada.

Vou passando em revista, com lentidão, as telas que se espalham, numa cuidada exposição, sobre as extensas paredes. Duas ou poucas mais telas de artistas falecidos. O resto, que é uma numerosa multidão de quadros, pertence, desde os nossos consagrados até aos modernistas, até aos pintores que anseiam por uma nova época de pintura. Quadros, muitos dos melhores quadros, de Columbano, Malhóa, Sousa Pinto, Carlos Reis, Joaquim Lopes e de todos os nomes, que, actualmente, se sentem ovantes nos tronos da consagração. Pelo-meio dos que triunfaram, encontram-se obras de pintores quasi

desconhecidos. Agora, os mais novos, os que já começam a bater às portas dos primeiros êxitos. Desde Carlos Carneiro até Eduardo Viana. Respira-se, neste ambiente, uma atmosfera espiritual, sempre elevada, mas de diferentes gradações. Avistam-se, admiram-se, obras das mais diversas sensibilidades, dos mais diferentes estilos.

Estou na sala final do Museu Grão Vasco. Agora, relembrando tudo quanto me deslumbrou, sinto-me no dever, na obrigação de louvar, de aplaudir o requintado critério artístico de Almeida Moreira. Este homem é, dos poucos artistas e patriotas que nos restam, o mais arrojado, o mais profundamente dedicado à defesa e conservação do nosso passado artístico. Viseu deve-lhe a saúde, o prolongamento de vida, de quasi tôdas as suas

reliquias. Sob os olhares vigilantes de Almeida Moreira, Viseu guarda, carinhosamente, os melhores retalhos dos seus monumentos e possui verdadeiras catedrais de incomparáveis documentos artísticos. Principia pela residência de Almeida Moreira, em Soar de Cima, — um universo de preciosas telas, de bons livros, de fortes afirmações de que é cuidada e habitada por um grande artista. Depois, êste museu, obra sua, obra que lhe tem atraído sensaborias, inquietações, mas que é, actualmente, uma bela obra, uma bela realidade!

Saio para a sua. Encontro-me com a noite, que acaba de nascer, que começa a envolver Viseu com seus crepes de viuva. Viseu tem um ar cansado, envelhecido. Neste momento, digo adeus a Almeida Moreira. Fito



O célebre «Calvário», de Vasco Fernandes

novamente as sombras, as rugas da cidade. existência e o seu valor vivem desafogala- conservar uma parte do passado e do pre-
 Sim, na realidade, Viseu é uma cidade anti- mente, nas mãos de Almeida Moreira. Este presente, no Museu Grão Vasco.
 quíssima, de cabelos brancos. Porém, a sua raro artista faz, na verdade, o milagre de



PORTUGAL, MONUMENTAL — O VELHO MOSTEIRO DE SANTA CLARA, FRONTEIRO A COIMBRA



TICIANO

Retrato de Isabel de Portugal, esposa de Carlos V

MUSEU DO PRADO
MADRID



A divina mentira

POR JAIME DE BALSEMÃO

Serviu-se o assado. O Manuel, atento, com o queixo à altura do prato, esperava o seu quinhão. A seu lado, entre êle e o Prior, a cabeça do *Mondego*, volumosa e negra, emergia. Os olhos sem malícia, aveludados e grandes, com o focinho húmido de saúde, formavam três pontos brilhantes, os quais, ao passo que os propósitos seguiam, se volviam rápidos e participantes para os convivas loquazes. De vez em quando a expressão do *Mondego*, de atenta tornava-se enternecida; pelos olhos passava-lhe uma doçura indizível; ficava imóvel; sob o bigode duro assomava-lhe a língua rósea; parecia engulir gostosamente um néctar. Era somente o pé bambaleante do Manuel, raspando-lhe o lombo quente e agradecido, sem que ninguém soubesse, como dizendo: «Cá estamos!...»

O Manuel escutava o que diziam os grandes, pensando no doce. Durante os rápidos silêncios, ouviam-se os suspiros gulosos do *Mondego* ou cedendo ao comer duma pulga aleivoça, o ruído duma pata enérgica batendo no tapete fófo.

— Senhor Prior, disse a bisavó, tôda embranquecida. Sabê que me é muito penoso morrer!... Imagine! Tão velha... Começo tendo já saúdaes do que aquí deixo... Senão fôsse a minha fé! Saber que encontrarei todos ao lado de Deus!...

As cabeças penderam sobre a toalha, vergadas a essa desdita possível e de permanente ameaça: as invocações dolorosas, a cada um mostravam o túmulo fatal. A luz batia nas cabeças, abaixadas para ocultar as lágrimas. A bisavó levou com as mãos débeis, um lenço, aos olhos pranteados. As cabeças pendiam sempre. Sômente o Manuel e o *Mondego* olhavam. Olhavam a velhinha afligida com a mesma lucidez das crianças e dos cães que o cogitar não empana. E a criança e o cão aproximaram-se da bisavó, que os uniu no mesmo carinho atribulado.

Então o Prior, depôs o seu garfo, tragou, com a carne, mal mastigada pelos seus três dentes, a sua comoção, e atalhou:

— Minha senhora; todos os bons vão para o céu. Não tenha receio. Quando a sua hora chegar, o Senhor atenderá as suas súplicas. De resto, como a sua vida foi sempre dedicada e honesta, como pode V. Ex.^a ter temores?!...

— Senhor Prior!... E as saúdaes!...

— Vamos!... Então... Não parece um dia de Natal! — volveu, com amargor disfarçado, o velho padre amigo.

E a idea da morte, dissipou-se vagamente. Mas o Manuel ficou pensativo. E todos notaram a sua terna tristeza. Nessa noite, na sala, enquanto a mãe tocava Chopin, o Manuel ia dum a outro, lançando-lhes ao pescoço os braços cândidos; aproximando dos rostos familiares os beijos sófregos. Todos o estranhavam: «Como o Manuel está hoje derretido!...»

O *Mondego*, no meio da casa sem móveis, tentava dormir como um bemaventurado. Mas o Manuel não o deixava, com os mesmos transportes votados às pessoas. O *Mondego* rosnava, pretextando mordê-lo com os seus grandes e brancos dentes, depois, fustigava o chão com a cauda peluda, e, ficava-se estirado e feliz, ao passo que a cabeça loura e encaracolada do Manuel se confundia com as suas grandes orelhas.

Como podia o pobre Prior ouvir Chopin encantadamente?! Se o Manuel, volta e meia, assentado nos seus joelhos reumáticos, com o seu narizito encostado ao seu ouvido melhor, lhe fazia perguntas e perguntas?!... Do grande Ibach luzidio, negro como um luto solene, emanavam os sons dolentes. A executante, debruçada sobre o teclado branco, era uma forma modesta, triste, para perpetuar harmonias. Todos se curvavam, sensíveis, sobre os seus sentimentos. Mas o Manuel, olhava o vácuo, torcendo, com a mão direita, o anelar esquerdo. O Prior ouvia mal

a música, por causa da criança; pestanejava com enfado. Depois, farto de tanta insistência, respondeu-lhe rudemente. Mau grado haver a criança sobre as pernas doridas, esqueceu-a, voltando para Chopin a sua atenção deleitada. Mas, a um dado momento, ou porque o sacerdote anoso e sem paciência, fôsse estorvado no seu enlévo musical, ou, por culpa inocente do Manuel, eis que êste se pôe a chorar, a chorar tão aflitivamente, que a mãe foi obrigada a dar-lhe agoites e a mandá-lo deitar.

O *Mondego* acordou logo, olhando patéticamente a criança desventurada, com as pupilas dardejantes, latindo, lambendo-a.

Uma criada levou o Manuel. O cão não apareceu mais. Todos o chamaram: «*Mondego*, aqui!... *Mondego*!...» Em vão.

Tentaram continuar o serão, mas, o pranto lancinante do Manuel atroava as habitações. Levou mais agoites. O Manuel chorava cada vez mais. O Prior começava vestindo o sobretudo. Então, a bisavó, voltou, curvada e comovida, do quarto do infeliz, e pediu ao padre que lá fôsse:

— Coitadinho, senhor Prior; convença-o... convença-o. Que lhe custa?!

Os dois velhos olharam-se; ela pedindo malditosa, êle alegre já por poder mentir com felicidade. O que houvera êle feito tôda a existência?!... O que era a sua vida senão uma suave mentira?! Sacudiu os ombros e foi: «Quando o velho entrou no quarto, o Manuel, que se agarrara ao *Mondego*, num abraço sufocador, calou-se, cheio de temor. Na cama alva, o seu corpo franzino era quási imperceptível. O *Mondego*, ao lado, arquejante, olhava o ancião e a criança, como quem espera? E o velho, com as mãos pousadas sobre as cabeças dos dois amigos, sosqui-nott-se para a cabeça loura, e, disse:

— Sim, meu Manuel... Eu menti-te... O *Mondego*, quando morrer, também irá para o céu.

E a criança adormeceu venturosamente.

a arvore de natal

Um dia destes vi um casamento... Não: prefiro falar-vos da Arvore de Natal. A cerimônia que acabo de ver foi esplêndida; divertiu-me muito; mas a outra festa ainda foi mais interessante. Ides ver como estas bodas me recordaram a Arvore de Natal.

Há uns cinco anos que assisti a uma festa que se deu na noite de Natal. Fui convidado por um homem de negócios, que dispunha de grandes capitais, influências e boas relações. Aquela reunião de crianças não passava de ser um pretexto arranjado pelos pais para se discutir questões de interesses, como se fosse por acaso e de forma inesperada.

Como sou alheio a negócios, tinha passado a velada à margem daqueles debates, tratando unicamente de ver e observar. Daí a pouco descobria eu um outro convidado que também parecia ter caído naquela festa dum modo intempestivo. Era um indivíduo de elevada estatura, magro, muito sério e vestido com elegância. Devia não estar muito contente, porque se retirou para um canto, deixou de sorrir, e as sobrancelhas, negras e furtas, franziram-se-lhe dum modo inquietante.

Via-se, além disso, que não conhecia ninguém e que se aborrecia soberanamente.

Soube depois que era um provinciano atraído à capital por um assunto importante. Como trazia uma carta de recomendação para o dono da casa, que o protegia, foi convidado por delicadeza a assistir àquela festa infantil.



POR FÉDOR DOSTOIEWSKI

Não jogava as cartas, ninguém lhe oferecera cigarros, nem lhe dirigiam a palavra. Via-se, assim, obrigado, para matar o tempo, a confiar constantemente os matacões, que eram realmente magníficos. Mas com tanta pericia o fazia que dir-se-hia que as suíças vieram ao mundo antes, chegando depois o indivíduo destinado a alisá-las.

Além desta personagem, que assim tomava parte na alegria familiar do empreendedor de negócios, pai de cinco belas crianças bem tratadas, a minha atenção fixou-se noutra completamente distinta.

Era um dignatário a quem chamavam Julião Mastakovitch. A julgar pelo que pude verificar à primeira vista, tratavam-no como um convidado de superior categoria; mantinha com o anfitrião as mesmas relações que o outro com os seus matacões.

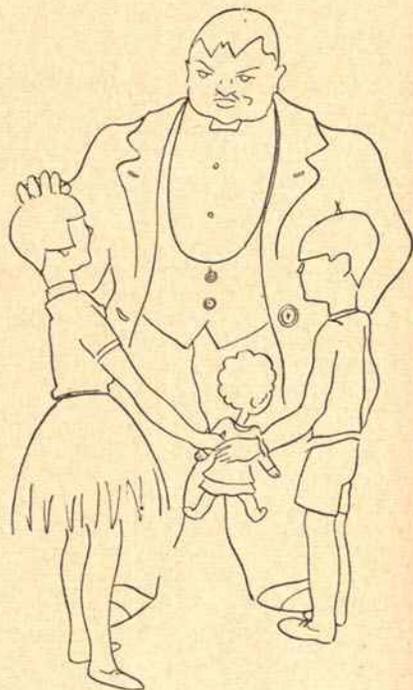
Os donos da casa não cessavam de lhe fazer milhares de prevenções. Rodeavam-no de cuidados, obrigavam-no a beber e apresentavam-lhe toda a gente. Notei também que no fim da velada o hospedeiro tinha lágrimas nos olhos, quando Julião Mastakovitch afirmou que há muito tempo que não tinha passado uns momentos tão agradáveis.

Devo confessar o médo que senti ao encontrar-me frente a frente com uma personalidade tão importante. Depois de ter contemplado os pequeninos, retirei-me para uma pequena sala e refugiei-me detrás duns vasos que ocupavam quasi metade da estância.

Os pequenotes que, pelo visto, não concediam importância às recomendações das aias, renunciavam a parecer-se com as grandes personagens. Eram muito simpáticos; despojaram a árvore dos seus bombons e das suas guloseimas foi obra de minutos, e ocuparam-se depois activamente em destruir os brinquedos, mesmo antes de saberem a quem estava destinado cada um deles.

Um rapaziño de cabelo encaracolado e olhos pretos pareceu-me particularmente agradável; decidido a todo o transe a matar-me com a sua espingarda de pau, perseguiu-me até ao meu esconderijo. Mas quem mais me deu no gôto foi a irmã, duns onze anos de idade, bela como um amorzinho, silenciosa e pálida, com grandes olhos sonhadores. Sentia-se, sem duvida, ofendida por algum menino, porque se refugiou na sala onde eu estava, sentou-se a um canto e entreteve-se a cuidar da boneca. Eu tinha ouvido dizer aos convidados que seu pai era um rico negociante; alguém me disse que aquela

pequenota tinha uns trezentos mil rublos de dote, e reparando no grupo que disto se ocupava, meus olhos detiveram-se em Julião Mastakovitch. Este, com as mãos detrás das costas e a cabeça inclinada sobre um ombro, escutava atentamente aqueles comentários.



Mais tarde não pude deixar de admirar a prudência dos nossos hospedeiros na distribuição dos presentes entre os pequenos. A menina dos trezentos mil rublos de dote recebeu a boneca mais bonita da coleção; e assim sucessivamente: o menor valor do brinquedo correspondia proporcionalmente à menor importância pecuniária dos pais do contemplado. Finalmente, o último dos agraciados foi um rapaziño duns dez anos, magro, avermelhado e com a cara salpicada de sardas; recebeu um livrinho de escasso valor, cujo texto falava da grandeza do mundo, de lágrimas, de ternura, etc., etc., e que não tinha uma só figura.

Compreendi daí a pouco que o pequenote era filho da professora dos rebentos do meu hospedeiro, uma pobre senhora viúva que não tinha senão aquele filho enfezado e raquitico.

Vestia uma modesta blusa de nankin, e quando tomou posse do seu presente, andou demoradamente à volta dos outros brinquedos; notava-se-lhe o desejo de brincar com eles; mas não se atrevia por estar, sem duvida, bem capacitado da sua situação de inferioridade.

Deleita-me muito contemplar as crianças, e, para mim, o mais curioso é observar nelas as primeiras manifestações da sua vida independente. Fixei a minha atenção no rapaziño enfermeço, entusiasmado a ver os brinquedos destinados aos outros, e, particularmente, com o teatro, onde talvez quisesse desempenhar um papel. Sorrindo-se, interrogava os outros pequeninos, e deu a sua maçã a um gorducho que já tinha um lenço repleto de guloseimas. Mais tarde, não se negou a servir de montada a um dos seus camaradas, contanto que não se desviasse do teatro; mas, a-pesar de tôdas as suas condescendências, dali a nada recebia um bofetão doutro maior que êle; no entanto, não se atrevendo a chorar porque chegava a mãe naquele momento, foi-lhe imprescindível abster-se de interromper a brincadeira. Deteve-se um instante à porta e abeirou-se depois da pequenota, melhor, certamente, que os outros, visto que, em vez de o despedir, aceitou a colaboração que lhe oferecia para vestir a sua linda boneca.

Há meia hora oculto no meu reduto, detrás dos vasos, estava abstraído a ouvir a conversa do menino raquítico com a menina dos trezentos mil rublos, quando, de súbito, vi aproximar-se Julião Mastakovitch, que, aproveitando-se da batalha que acabava de se travar no salão grande entre a pequenada, também se vinha refugiar na sala onde nos encontravamos. Tinha-o visto falar demoradamente com o papá do futuro grande partido e mostrava-se sonhador, com um gesto de quem está a deitar as suas contas...

— Trezentos, trezentos... — murmurava — onze... doze... treze... dezaseis!... Faltam cinco anos. Suponhamos a quatro por cento... cinco vezes dôze, sessenta... dêsses sessenta, suponhamos que em cinco anos... quatrocentos mil, no total... sim... mas êsse canalha não empresta a quatro por cento... A oito, a dez, talvez!... Pelo menos, quinhentos mil, fora o enxoval...

Feitas as contas, o dignatário ia abandonar a estância no momento em que deu com os olhos na pequena. Eu estava, sem duvida, bem escondido pelas plantas, porque não me viu, e, em compensação, pude notar bem o seu nervosismo. Seria o efeito dos cálculos? Esfregou as mãos satisfatoriamente, e ao voltar a olhar para a pequenita, o seu nervosismo subiu de grau.

Antes de se dirigir ao sítio onde estavam as duas crianças, inspeccionou os arredores num rápido golpe de vista. Depois, caminhando sobre os bicos dos pés, aproximou-se do diminuto casal. Um doce sorriso iluminava-lhe a cara redonda e inclinou-se para beijar a cabeça da rapariga.

Esta, que não esperava aquele ataque brusco, lançou um grito de surpresa.

— Que fazes aqui, encantadora criança? — perguntou-lhe, acariciando-lhe as faces.

— Estamos a brincar.

Julião Mastakovitch lançou ao pequeno um olhar nada agradável.

— Com êste? — e acrescentou, dirigindo-se a êle, em tom severo:

— O teu lugar é no salão, amigo.

Ê ao ver que o olhava fixo e silencioso, inspeccionou novamente os arredores, e continuou, dirigindo-se à rapariga:

— Tens uma boneca, encanto?

— Uma boneca, sim — respondeu a menina, contrariada com aquela interrupção.

— Sabes, meu amor, de que é feita essa boneca?

— Não sei — respondeu, baixando os olhos.

— De trapos, formosa.

Nesta altura, Julião Mastakovitch tornou a dirigir ao rapaz um olhar torvo.

— Devias ir para o pé dos teus camaradas — disse-lhe.

As duas crianças abraçaram-se.

— E sabes porque te deram essa boneca? — perguntou Julião em voz baixa.

— Não.

— Porque és uma menina muito simpática.

Ao dizer isto o dignatário, sem poder dissimular a comoção, olhou à volta de si, e baixando cada vez mais a sua voz trémula, insistiu:

— És muito minha amiga? Queres que volte a visitar os teus papás?

Tentou beijar outra vez a pequenota; mas o pequeno, ao ver que esta estava quasi a chorar, deitou-lhe o braço pelo ombro e começou a chorar compadecido.

A personagem ruborizou-se de cólera.

— Vai-te embora daqui! Vai lá brincar com os outros!

— Não quero, não quero. Vá o senhor — gritou a pequena através das lágrimas. Deixe-o! Deixe-o!

Um ruído na porta fez estremecer Julião Mastakovitch que se levantou. O pequeno, ainda mais assustado, tratou de escapular-se

com dissimulo, arrimando-se às paredes. O dignatário julgou oportuno sair também. Estava vermelho como um tomate, e, ao ver-se no espelho, ficou confundido. Sentia-se envergonhado da sua precipitação?

Seguiu-o até à casa de jantar, onde contemplei um espectáculo estranho: rubro de cólera, Julião Mastakovitch tratava de confundir o pequeno, que não sabia onde ocultar-se.

— Que fazes aqui, mariola? Rouibas fruta, hein? Fora daqui, infame! Depressa!

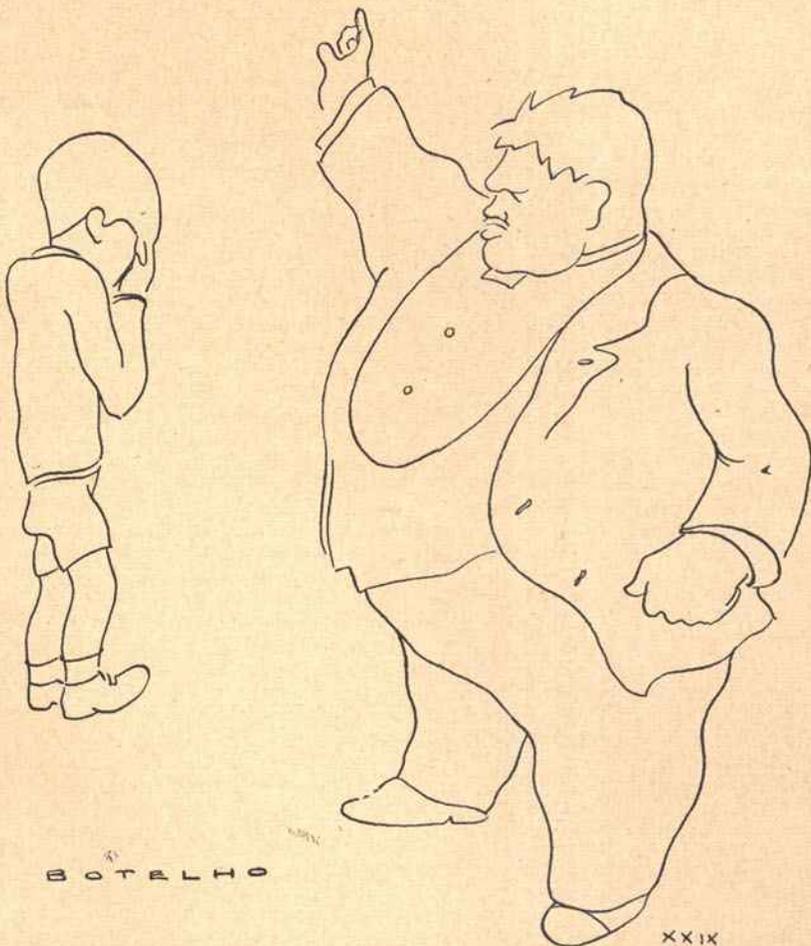
Aterrado, o pequeno, decidiu-se a uma acção desesperada: tentou meter-se debaixo da mesa sob a perseguição de Mastakovitch.

Consignaremos aqui que Julião Mastakovitch era um homem forte, de rosto congestionado, com o ventre adiposo e as pernas muito grossas.

Arquejante, sufocado, movia-se sem resultado. Possuindo dum acesso de cólera, de ciúmes talvez, estava danado.

Não me pude conter e lancei uma gargalhada homérica. Julião Mastakovitch, que até então não me tinha visto, ficou muito atrapalhado, tanto mais que, naquele instante, apareceu à porta o nosso hospedeiro. O pequeno saiu debaixo da mesa e sacudiu os joelhos, enquanto Julião chegava o lenço ao nariz, tratando de tapar a cara.

Encontrando-nos os três naquela estranha situação, o anfitrião olhou-nos um tanto assombrado; mas, imediatamente, como homem conhecedor da vida, aproveitou aquela oportunidade que o acaecia do dignatário.





— Com que então este garotito teve a honra de vos distraír?...

— Ah! Sim! — exclamou Julião Martakovitch, que ainda não tinha caído em si, de tão emocionado que estava.

— É o filho da nossa «miss», pobre viúva dum honrado funcionário público... Se o senhor pudesse fazer alguma coisa por ele...

— Ah, não, não — interrompeu vivamente o homem paquedo — não; desculpe. Já sabia das suas necessidades; mas não há nenhuma vaga, e ainda que houvesse, esperam-na mais de dez candidatos que têm mais direito que ele...

— Que pena. É um rapazinho muito simpático, calado, obediente...

— A mim parece-me um mariola — replicou Julião Mastakovitch, com a boca torcida num rictus de ódio. — Vai-te embora! Que tens que fazer aqui? Vai brincar com os teus camaradas!

O dignatário, fora de si, dirigiu-me também um olhar de inquietação.

Pela minha parte, como me era impossível simular indiferença, soltei novamente uma gargalhada nas bochechas daquele homem redondo, que se dirigiu ao dono da casa para lhe perguntar quem eu era.

Trocaram entre eles algumas palavras e saíram.

Voltei ao salão. A personagem, entre o anfitrião e a esposa, rodeado de pais e mães de família, falava enfaticamente com uma dama que acabavam de lhe apresentar. Esta dama dava a mão à menina dos trezentos mil rublos de dote.

Julião Mastakovitch espriava-se em considerações sobre a beleza, a inteligência e a boa educação da pequena. A mãe, com as lágrimas nos olhos, era toda ouvidos. Vi também que os lábios do pai, tremiam com um sorriso de emoção, não podendo o nosso hospedeiro ocultar a satisfação que lhe causavam aquelas expansões. Os convidados contagiavam-se também do mesmo entusiasmo, e as brincadeiras da garotada tinham-se interrompido para não prejudicar a conversa. Até o ar da sala parecia saturado de respeito.

Ouvi que a mãe da menina, comovida do fundo da alma pelos elogios que lhe tinham prodigado, convidava, com palavras tímidas, o grande homem a honrar-lhe a casa com a sua preciosa amizade. Julião Mastakovitch respondeu com emoção sincera, e os convidados desfaziam-se em elogios infinitos ao anfitrião, a sua esposa, ao negociante, à conjugue, à menina, e, sobretudo, a Julião Mastakovitch.

— Este cavalheiro é solteiro? — perguntei ao convidado mais próximo.

O homem importante que tinha ouvido a minha pergunta, fulminou-me com um olhar redentor.

— Não — respondeu o meu vizinho, muito vexado com aquela saída inconveniente, que eu lançara com toda a intenção.

Aqui há uns dias, quando passava diante da igreja, atraíu a minha atenção um grupo numeroso de carros. A multidão apinhava-se na praça. Falava-se dum grande casamento.

A manhã estava sombria. A neve caía imperceptivelmente. Aguilhoado pela curiosidade, entrei no templo e procurei o noivo com a vista. Era um homemsinho bem nutrido, com um ventre proeminente, que exhibia numerosas condecorações. Agitava-se, corria, dava ordens. Entre a concorrência levantou-se um murmúrio: acabava de chegar a noiva.

De cotovelada em cotovelada, cheguei a colocar-me na primeira fila, e meus olhos detiveram-se numa beleza esplêndida em plena aurora da sua primavera. Estava, no entanto, pálida e triste. Seu olhar, distraído, errava em volta e pareceu-me ver-lhe as pálpebras marejadas de lágrimas. A pureza antiga dos seus rasgos dava-lhe à beleza um aspecto indescritivelmente solene. Mas, quem penetrasse naquela severidade e naquela tristeza descobria um não sei quê de infantil, de infinitamente ingênuo, que parecia pedir clemência.

Como aquele olhar houvesse despertado em mim imprecisas recordações, propus-me averiguar quem era o noivo, quando, de repente, descobri o bravo Julião Martakovitch, que há cinco anos não vira. Reparei depois na moça e...

Meu Deus!... Sem querer ver mais, precipitei-me para a saída e atravessei a onda da rumorosa multidão.

— A noiva tem pelo menos quinhentos mil rublos de dote... sem contar o enxoval! — ouvi.

Quando me vi só, pensei:

— O cálculo estava bem feito, não há duvida!

A SEGUNDA MULHER DE DANTON



O episódio evocado nesta página é dos tais que o vulgo sabe de cor como o vigário o Padre-Nosso. Mas, nem por isso resisto à tentação de mais uma vez o sujeitar a letra de fôrma, tão oportuno se mantem através das ildades, e ainda pelos subsídios novos a que o iluminaram os recentes investigadores Le Nôtre, Júlio Claretie e outros.

Dispensou-me de esquiçar o perfil político de Danton no período convulso em que vamos ao seu encontro — o Vulcano dos *Franciscanos*, o Júpiter da Assembléa, a figura máxima da *Montanha*, donde despedia raíças contra os da direita ou esquerda refractários ao seu domínio.

A máscara política do montanhez, a um tempo bárbara e avassaladora, é mais conhecida ainda do que este capítulo da sua vida. Limite-me portanto a reconstituir, em meia dúzia de traços, de fugida, a fisionomia de Danton amoroso, por ser a que o integra no caso romanesco — e por ser a que serve de instrumento ao processo moral do seu declínio e da sua queda.

Danton, o jacobino hercúleo, o tribuno todo poderoso, revela-se frágil, da fragilidade do melhor tom, na presença das eternas ditadoras da beleza e da graça. E tal é a sua fama de flexível ao prestígio do sexo fraco — sempre, ontem como hoje, afinal o forte sexo — que o duque de Orleans, então já Philippe l'Égalité, ao vê-lo senhor do Ministério da Justiça, a seguir ao 10 de Agosto, logo procura amarrá-lo ao jugo dos seus interesses com o laço galante das condescendências de Madame de Buffon.

Casado a essa data com Gabriela Charpentier, foi o 10 de Agosto que o fez ministro: — a madrugada horrível de Apocalipse em que os sinos de Paris tocaram todos a rebate, em que o canhão de alarme disparou centos de tiros, em que o povo das secções rufou dezenas de tambores ao canto do *Ça-Ira*, em que os batalhões de Marselha baptisaram o hino de Roger de Lisle correndo ao assalto das Tulherias, em que se deu a última fuga da família real, a da côrte para a Assembléa, e a chacinna da guarda do palácio, e a caça aos nobres, e o incêndio dos destroços.

Gabriela sofreu, soluçon, através da noite e da madrugada aflitivas, tôdas as dôres e auséios morais pela cooperação do marido na sinistra tragédia. O que ela sofreu, o que ela chorou, di-lo admiravelmente, na eloquência da simplicidade e da ternura, a sua amiga Lucilla Desmoullins na carta célebre citada por Deaumont-Varsy nas suas *Memoírias*.

Mas chega o 2 de Setembro, com os horri-veis massacres das prisões, com a carnificina da hecatombe só igualada pela de S. Barthie-



lemy, sob o reinado de Carlos e Catarina. E Gabriela, recolhidas as feras aos covis, corre de sua casa ao Ministério, inectiva o marido por não se ter oposto à sanguieira, e sai do palácio em braços, quasi morta.

No entanto, Danton, a-pesar do amor que o liga a Gabriela, e aos seus dois filhinhos, chamado à barra da Assembléa pelos Girondinos a fim de esclarecer a opinião pública sobre as responsabilidades dos acontecimentos, destemidamente legitima por sua essa responsabilidade, pois os autênticos magarefes, os rubros matadores escondem-se e engeitam-na: — tanto é certo que até os tigres sentem a necessidade de se lavar do sangue das presas devoradas.

A mulher adoce mais, mostra-lhe os filhos, supplica-lhe piedade a favor dos filhos de tantos francezes, a beneficio dos pais de tantos filhos.

Quando se aproxima o julgamento do rei, Danton, por obra e graça de Gabriela, já tem outra voz, já fala em humanidade.

— As nações salvam-se, mas não se viugam — afirma no club dos *Franciscanos*. — Sou revolucionário, não sou fera.

Tenta ainda a defesa de Luís Capeto. Compromete-lhe, porém, a fôrça e domínio do



verbo tribunicio o reccio de parecer traidor. E então, vota pela morte do «tirano» — a voz a revelar-lhe o coração, ao condescender, agora não a trovejar.

A mulher chora sempre, soluça como nunca, queimada de febre intensa e sacudida de tetricas visões.

É nesta emergência que se aliam às nações coligadas contra a República, à Bélgica, Austria, Prússia e Sardenha, a Espanha e a Inglaterra — pávidas de espanto e impantes de revolta pela decapitação de Luís XVI. E Danton, na ânsia de se furta ao espectáculo das recriminações e dos sofrimentos de Gabriela, aproveita a oportunidade do recrudescimento dos preparativos militares das fronteiras seguindo a caminho das linhas belgas.

Regressa a 10 de Fevereiro. Encontra a mulher moribunda — os filhinhos cingidos ao seio, e a sua maior amiga, M.^{lle} Luísa Genly, a confortá-la na agonia. Ela recomenda-lhe uma vez mais os pequeninos. Ao mesmo tempo, na esperança de que Luísa, graciosa miniatura nimbada de beleza e bondade, o converta aos santos mandamentos, a moribunda pede ao marido que tome a sua amiga por esposa — pois ela será, além do mais, a segunda mãe dos seus filhos.

M.^{lle} Genly tem 15 anos. Timida como o pâmpano e pura como a luz, foi educada no seio da aristocracia, é filha de pai realista, empregado embora por Danton, sob o agulhão das necessidades da vida, em lugar do Ministério da Marinha. E é religiosa. E é praticante.

Oito dias depois da morte da que morreu de dôr pelas dôres alheias, Danton, desviado de remorsos, vai à igreja em que os seus restos carnis repousam tranquilos, fá-los exumar da sepultura, beija-os angustiadamente, aflitivamente lhes implora perdão.

Mas rolam meses sobre o desaparecimento de Gabriela. Danton, no vigor dos 32 anos, sente que a política, por si só, sectária e egoísta, não chega para lhe saciar as mais vivas sêdes do coração. O amoroso sobrepõe-se ao político. Lembra-se da supplica da moribunda. Põe olhos inquietos em Luísa.

Luísa treme de susto à confissão de amor do rude jacobino — treme ao sussurro dos rios de sangue derramados sob o poder do seu braço; treme no receio da vida do pai, funcionário da República.

Por isso se não atreve à negativa formal. Esquiva-se, apenas, requerendo o conselho e o socorro da mãe.

M.^{lle} Genly, constrangida, procura o demagogico, fala ao jacobino, declara-lhe que sim

— que Luísa o aceita por marido. Mas impõe condições. Exige a confissão, a confissão e o casamento católicos, celebrados por padre não ajuramentado — um padre dos que se insubordinaram contra o juramento de fidelidade à Revolução.

Julga afastar assim Danton sem o exasperar, êle que é o maior inimigo do clero rebelde.

Lamartine definiu-o à maravilha. «Robespierre é uma ideia — disse o autor dos Girondinos. — Danton um homem».

Pelo que, Danton, o homem, abdica. Danton, o sensível, submete-se — a essa hora já o amor a cegá-lo, a obrigá-lo a apalpar a cruz, a abraçar o madeiro, no tredo engano de quem apalpasse e abraçasse a luminosa escada de Jacob.

É das mais impressionantes páginas de *Le Nôtre*, no *Paris Révolutionnaire*, aquela em que o sábio e calmo reconstrutor das elé-



merides da Revolução reproduz os passos decididos de Danton em busca do sacerdote confessor.

Bate à porta dum padre proscrito, que soube escondido em casa dos arrabaldes e fechado a sete chaves — visto que o conservar-se no solo francês corresponde à pena de morte, pena que recai igualmente sobre hospedeiros e cúmplices.

Quando pergunta pelo abade Kéraveran negam-lhe, aterrados, a sua existência ou permanência ali.

Êle força a entrada no abrigo clandestino do proscrito, que fica sem fala, considerando-se já na guilhotina, ao ver adiantar-se na sala o vulto inesperado do terrível *montanhês*.

— Senhor abade. Quero confessar-me — diz, acentua, tornando maior o alvoroço do cura de almas. — Será o senhor tão bom que possa ouvir-me e perdoar-me?

— Ponha-se de joelhos, meu filho — responde o abade, cobrando ânimo, sentando-se numa cadeira.

Danton lança-se de joelhos, ergue pacificamente as mãos, afeiçoadas ao extermínio, abate a cabeça crespada e voluntariosa de insubmissão, murmura, quási supplica, quási soluça:

— Meu Pai! Eu acuso-me...

Acusa-se. Implora a absolvição. É absolvido. No dia seguinte, no segrêdo de mansarda transformada em capela, onde bruxoleia um altar, tal qual na era de Nero, no fundo das catacumbas, o lóbo da Montanha dobra o pescoço ao cordeiro do vergel, aceitando por esposa, à face de Deus, a linda e frágil M.^{lle} Luísa Genly.

E Danton, que ainda vota pela morte dos girondinos, no medo de delatar a sua fraqueza, entra a aparelhar e a agitar o carrilhão da revolta contra a tirania dogmática de Robespierre, contra a ceifa vesânica das espigas de ouro da terra gaulesa, contra o anticatolicismo fanático de Chaumette, o do culto da Razão, o que faz apcar e fundir todos os sinos da França alcunhando-os de berloques do Padre Eterno.

E temos Danton remando à direita na barca da Revolução, prêso aos novos mandamentos pelo sorriso duma mulher, como Mirabeau, como Barnave, como Tallien.

Mas, nos rápidos das cachoeiras não há o voltar à rectaguarda. Ou avançamos, dominando o turbilhão da torrente e das espumas, ou somos engulidos pela onda cujo arremêço tentamos contornar ou disciplinar. Só há um travão a opor à força dos elementos desencadeados — o doutra força maior. A tormenta não vê a misericórdia, nem ouve o soluço — ou obedece à autoridade de elemento mais forte, ou esmaga os elementos de resistência inferior.

Assim, Danton misericordioso, aparece à cegueira dos fanáticos transfigurado em traidor. É sobe ao cadafalso. E porque é preciso, abatendo o tronco, arrancar-lhe as raízes, com o grande tribuno vão ao supplicio os seus amigos e os seus devotos — entre estes Hebert, o inquisidor grosseiro de Maria Antonieta, Desmoulins, o desassombrado arauto da tomada da Bastilha, marido da apaixonada Lucília, das mais enternecedoras figuras do agiologio revolucionário: — aquela cujas lágrimas ainda hoje soam a estrofes de desolada saúde, aquela cujo amor foi castigado pelo ditador impassível, Robespierre, padrinho do seu casamento, com o cárcere e a guilhotina.

Morreu Danton — quer dizer, o amoroso matou o político. Mas não foi, afinal, a doce, a linda, a inermé M.^{lle} Genly, agora Madame Danton; não foi sequer a outra, a morta, Gabriela, por piedade da qual se dobrara às primeiras transigências consigo mesmo, o que o levou ao cadafalso. Foi a consciência dos seus erros, dos seus excessos, das suas violências, consciência iluminada tarde e a más horas pelo amor duma mulher.

SOUSA COSTA.



UMA NOITE DE NATAL NA PENSÃO DE MADAME PRAZERES

Os senhores conhecem tão bem como nós aquela viúva, quarentona, um pouco nutrida, face meineira, que, por volta das cinco horas da tarde, desce habitualmente o Chiado, acompanhada das duas filhas — a Mimi e a Anita. É, como sabem, a madame Prazeres, dona e senhora de uma pensão pitoresca e muito freqüentada na rua das Flores.

Madame Prazeres começou a ser feliz após a morte do marido. Este, que Deus haja, não era mau tipo. Muito mais velho do que a mulher, faleceu de pneumonia dupla aos sessenta e cinco anos de idade, deixando por herança a Prazeres, ainda nova e bonita, as duas raparigas já aptas a casar e a pensão do Ministério, porque o sr. Prazeres era funcionário reformado.

A morte do marido não causou surpresa à mulher; ela já a esperava. Era uma fatalidade com que vinha contando havia muito tempo. Tinha mesmo feito os seus projectos, tomado as suas providências. Abriu uma pensão, uma pensão decente, para solteiros e rapazes sem família, a preços módicos e cozinhados caseiros. Os comensais começavam a afluir, mais seduzidos talvez pela alegria

comunicativa de Mimi e Anita do que pelo sabor vulgar das iguarias. As raparigas não seriam tão atraentes, tão belas, tão bem modeladas como devia tê-lo sido a mãe na época florescente das suas dezoito primaveras, mas possuíam o viço, a frescura da mocidade. Mimi, era franzina, muito branca e loura, dedos longos, afilados, flexíveis, no extremo dos quais brilhavam unhas róseas e bem cuidadas; Anita, sua irmã mais nova um ano, era morena, levemente nutrida, leuta nos movimentos, langorosa no olhar, busto bem formado, mãosinha papuda e sorriso complacente e constante nos lábios túmidos e sensuais.

A pensão era bem freqüentada pela rapaziada nova — eternos estudantes de Direito, capa negra e cabelo ao léu, empregados de escritório um pouco românticos, que devoravam com o olhar guloso as formas apetecíveis de Anita, a elegância nervosa de Mimi, e os sorrisos condescendentes de madame Prazeres, bem conservada para a idade.

Foi na companhia do Antunes, um ajudante de guarda-livros um pouco estouvado e boémio, que nós demos, pela primeira vez,

entrada naquela pensão original, e logo o ambiente afável que ali encontrámos prendeu o nosso espírito e nos transformou de simples visitante em *habitué* convicto.

Anita, que namorava um estudante, não era, a-pesar de tudo, avara de sorrisos condescendentes e permitia, numa grata camaradagem, que nossos apêtos de mão fôsem mais prolongados do que mandava a boa norma. O seu sorriso adorável, que tudo prometia, nada concedendo, levava-nos quasi de rastos, tôdas as noites, ao jantar banal de madame Prazeres. A sopa de grão com espinafres, o cosido à portuguesa ou as mãosinhas de carneiro, devoradas entre a Mimi flexível e loura e a Anita, gordinha e amável, sabiam-nos melhor do que os melhores manjares.

Reinava entre todos os convivas e as donas da casa a mais franca camaradagem; rara era a noite em que a Mimi não corria atrás do Antunes, dedinho magro e ameaçador erguido no ar, gritando entre amuada e sorridente:

— Olha que tu apanhas!...

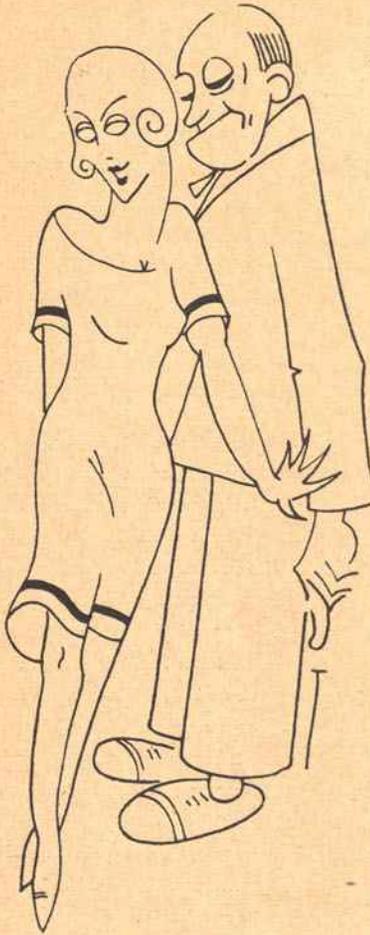
Fingiam que jogavam a luta e, o Antunes, acabava sempre por afectar-se vencido pelas mãos débeis de Mimi. Nós ríamos da brincadeira e madame Prazeres, solícita, admoestava:

— Vamos, Mimi, não abuses... Olha que magoás o sr. Antunes...

O único comensal que se cercava de uma grande reserva era o padre Alberto. Gosava êle prestígio de pessoa séria, delicada e comedida. Parecia não reparar nunca no sentido gicante das anedotas que contávamos, nem atentar na excessiva familiaridade com que os comensais tratavam as raparigas. Entretanto, sempre que o Antunes, julgando-se à vontade, devorava a Mimi de beijos atrás do reposteiro azul, ou o estudante abraçava com demasiado entusiasmo a Anita condescendente, eram os olhos do padre Alberto que nêles se fixavam com grande insistência. Êle via tudo, via e calava. E tôda a gente tinha a impressão de que êle era cego e surdo às scenas pouco edificantes e a graças de duplo sentido.

Ora, foi precisamente na noite de Natal do





ano findo, que o padre demonstrou por forma subtil que via e ouvia mais do que outros imaginavam.

A ceia fôra de grande gala. O bacalhau com bróculos foi amavelmente oferecido por madame Prazeres aos celibatários, já considerados pessoas de sua família, e o vinho tivera mais consumo do que de costume. Como era festa havia mais liberdades. O Antunes chegava-se muito à Mimi e fazia-lhe saúdes, de copo em punho, em voz baixa; o estudante encostava meigamente a cabeça penteada ao ombro fôfo de Anita.

Contámos anedotas, rimos, conversámos, chalacéamos. Só o padre Alberto se conservava silencioso e triste.

Madame Prazeres, condoída do aspecto melancólico do padre, quis trazê-lo a mais franco convívio:

— Senhor padre Alberto — disse-lhe, com o melhor, o mais sedutor dos seus sorrisos — já todos riram, disseram as suas graças, só o senhor se conserva sisudo e reservado como um velho de setenta anos. Conte uma anedota, uma recordação engraçada...

— Eu, minha senhora, — disse modestamente o eclesiástico — embora novo ainda, não tenho a alegria própria da minha idade. Depois de escutar os ditos curiosos do sr. Antunes, as anedotas encantadoras do nosso estudante, as recordações gentis de V. Ex.^a, apenas poderia abortecê-los com as minhas palavras insípidas.

Madame Prazeres não se deu por contente com a desculpa e insistiu com o padre:

— Conte, conte uma anedota só. Hoje é um dia excepcional. Tudo se perdôa. É preciso alegrarmo-nos, esquecer máguas, arredar tristezas para bem longe.

— Minha senhora — condescendeu, por fim, padre Alberto — quero corresponder ao interesse e amabilidade que mostra para comigo. Vou contar-lhe, pois, uma anedota, a única que conheço. É um caso antigo, bíblico, mas que encerra a sua moralidade, a sua graça.

Fêz-se em tórno um profundo silêncio. Era a primeira vez que o padre entrava em franco convívio com os seus companheiros de mesa.

O Antunes acendeu uma cigarrilha, bem disposto, ouvido álferta, o estudante ergueu do ombro de Anita a sua cabeça penteada e madame Prazeres cruzou os dedos sobre o ventre e esperou.

— Ora vossas excelências — contou o padre — sabem que Deus para limpar o mundo de imoralidades o inundou com o dilúvio. Tudo pereceu nessa inundação fabulosa, excepto Noé, que vogou sobre as águas numa arca inensa onde encaufou um par dos animais de cada espécie.

«Durante longos dias, reinou a paz e a harmonia nos domínios de Noé. A partir de certa data, porém, começou êle a escutar de alguns animais queixas indignadas. Certas consortes não se portavam com a devia decência. O bode acusava a cabra de atraíçô-lo com o cão, o galo afirmava que a galinha mantinha um namôro descarado e condenável com o papa-



gaio, o burro queixava-se amargamente das relações íntimas e assíduas que a burra vinha sustentando com o cavalo. Era um verdadeiro escândalo!

Padre Alberto fêz uma pausa, bebeu um pausado gole de vinho ante a expectativa dos convivas e prosseguiu:

— Um dia, Noé perdeu a paciência. Chamou à sua presença tôda a bicharia da Arca, e discursou:

«Tenho sido informado de que algumas fêmeas, desprezando as leis de Deus, praticam imoralidades imperdoáveis. A cabra não respeita o bode, a galinha atraíçô o galo, a burra troca as carícias do marido pelas do cavalo. Eu não posso consentir tais escândalos na minha Arca. Que julgam os señhores que é esta casa? Acaso imaginam que eu não saberei fazê-la respeitar? Desde já os aviso: isto aqui não é a pensão de madame Prazeres!

Calou-se o padre, enquanto as raparigas trocavam, em silêncio, olhares de entendimento com os namorados...



ARTISTAS PORTUGUESES NO EXTRANGEIRO

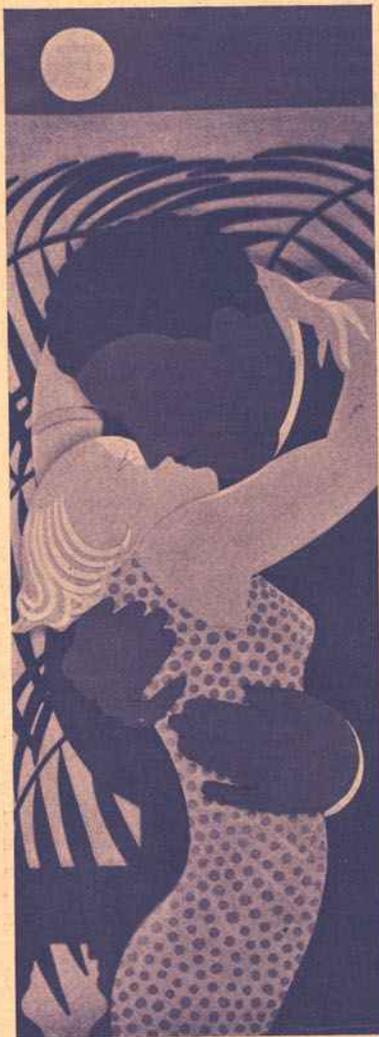
JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

TRIUNFA EM ESPANHA

SUAS COLABORAÇÕES, PROJECTOS E IDEIAS

UMA PUBLICAÇÃO QUE HONRA PORTUGAL

OS SEUS «PANNEAUX» NO CINE SAN CARLOS,
DE MADRID, CONSAGRAM-NO DEFINITIVAMENTE



Reijo

As vezes basta um bom gesto dum homem para lançar numa alma estranha tóda a simpatia dum povo ou duma terra. E se esse bom gesto for de português, mais facilmente se produz o fenómeno, porque é virtude nossa levarmos a pátria connosco onde quer que os fados nos conduzam. E tanto a levamos nos nossos gestos, nos nossos passos, no nosso sentir, que basta um gesto deslegante, um passo contrário, um sentimento tosco para que a fisionomia da pátria distante, vista através da fisionomia dos seus homens, apareça carregada de sombras, com ares antipáticos, carrancudos, de mau ver...

Bu creio que, de todos os povos que correm mundo, são os portugueses que melhor ou pior podem dar fé do sitio onde nasceram. Atribuem-se-lhes qualidades de adaptação. Não há dúvida que se adaptam facilmente aos outros, mas não é com a mesma facilidade que adaptam os outros a si. Isto é, aos olhos dum estrangeiro que bem lobriquem, nunca poderão fundir-se num elemento próprio. Produto duma raça caldeada ao sol da glória, batida pelas refregas das tempestades, em horas de esperança alentadora ou em momentos de amarga desolação, num esperar e desesperar contínuo, o mar ao lado a sorrir-lhes bonanças ou a arrojá-lhes negras ameaças, suportando o peso duma História que fez o assombro do mundo, não como evocação fecunda em proveitosos ensinamentos ou como precioso legado de tempos que passaram, mas como fatal tormento onde quer triturar os tempos que se vão, como se o de ontem fosse sempre o de hoje e o de amanhã e de sempre

fosse sempre o de ontem, investe-se de orgulhos sem medida ou cai nas maiores humilhações. Após a sobreexcitação das próprias forças, a impotência de quem as julga perdidas. Num confiar de cego ou num desconfiar de histérico scepticismo. De gritos estentoreos, ensurdecedores, estridentes, passa a silêncios de tumba, fulminantes quasi. Ágil como um gamo, lança-se à conquista do sol, as mãos ao alto e o coração em delírio; quieto como uma rocha, vê desabar tormentas, de olhos pasmados nelas, sem um bracejar de precaução ou defesa. E quando algum aparece, de emoção contida e cérebro claro, que consegue nivelar os nervos à



Perseguição

força de muito sentir e de muito amar, compreendendo, definindo, perdando, éle, o português que não define porque não compreende, sente-se atacado da fobia dos contrastes e chamam-lhe louco, exótico, fantasista.

Canteira cheia de complexas facetas para aquele que se afaz a observar a vida através o homem, desdobra de si o observador. Bom ou mau, grato ou ingrato, desagradavel ou de bom ver, é sempre na vida um actor. Mesmo como espectador, dá-se ao papel de contemplar: observa sempre como português, com as suas virtudes peculiares e os seus defeitos característicos. Inclusive aqueles que — e alguns há, mau grado a dignidade da raça — pretendem varrer de si a condição da sua nacionalidade, chegam a ser, quando muito, maus portugueses; não portugueses, nunca. A retina do espectador, o espectáculo torna-se então turvo, com sucessivos quadros de miséria...

Sendo assim, e já que assim é, recomenda-se



Charlie

a exportação dos bons portugueses, dos portugueses simples, claros, nítidos, como este louco e fantasista Almada Negreiros, que tem semeado em terras espanholas, nas melhores camadas das terras espanholas, em pródiga difusão e em cordeais jornadas, a graça do nosso espirito e a simpatia da nossa sensibilidade.

— Lisboa pouco ou nada me disse de novo. Eu já conhecia o Almada Negreiros...

Estas palavras, duma das melhores figuras da



«Hands up»

Espanha actual, observador agudo e bem temperado, que pela primeira vez visitava Lisboa, abonam justamente o que o nosso artista por cá tem feito em prol da compreensão da sua terra. Os seus gestos, os seus passos, o seu sentir nem um só momento se arredaram dessa piedosa missão. Louvado seja !

ALMADA E ESPANHA

Almada quer agora *conversar* com Portugal. Acolhe-se a nós e às páginas da *Ilustração*. A nós, que admiramos o artista como um dos nossos maiores artistas e apreciamos o amigo como um dos espíritos mais amáveis de quem ainda recebemos amizade; às páginas da *Ilustração*, que se lhe abrem com alvoroço, com um alegre toque de boas vindas, de apreço nacionalista e efusivo companheirismo.

Nas suas palavras há muito de confissão, de desabafo talvez. Oicamo-lo sem interrupções incômodas :

«— Saí de Portugal muito arreliado, apesar de reconhecer que fui sempre um *menino mimado* nos meios em que vivi; saí desgostoso apenas com o panorama artístico. Des resto, o nome de Portugal esteve sempre no primeiro plano das minhas preocupações.

«A-pesar da minha vinda para cá ter coincido com os ventos de aproximação que então sopravam e ainda sopram, quero fazer constar que vim individualmente. Saí disposto a correr mundo e parei no primeiro ponto que encontrei. Eis tudo.

«O tempo que aqui passei foi admirável, não só pelo que aproveitei como por aquilo que tive de desprezar; aprendi, enfim.

«Aconselho aos meus compatriotas uma visita a Espanha, não por intuítos de aproximação, pontos de vista inúteis a meu ver, mas com a única preocupação de viajarem através da Espanha, onde há efectivamente que aprender quando se é peninsular.



Dancing

«Considero a Espanha o país mais leal de todos para que nós entendamos a humanidade e a civilização.

«O meu grande empenho é que os meridionais, essencialmente os portugueses, sejam modernos e saibam que não basta serem modernos; mas que é necessário que se encontrem à frente do modernismo, porque, doutra maneira, copiaremos inevitavelmente os germãos e anglo-saxões.

«Não posso esquecer a amabilidade com que Madrid me recebeu e tratou. Madrid é a cidade mais amável e sorridente do mundo inteiro.

«Faço votos para que os portugueses conheçam um pouco de astrologia e se compenhem dos grandes destinos para que está fadado Portugal.»

São estes alguns dos pontos que Almada desenvolverá numa conferência que tenciona em breve realizar em Lisboa subordinada a este tema sugestivo: «Dados arbitrários para a futura aristocracia.»

SUAS COLABORAÇÕES

Quando Almada Negreiros chegou a Madrid já era bem conhecido nos centros artísticos e intelectuais espanhóis. A sua colaboração na *Contemporânea*, de inolvidável memória, impusera-o como um sólido valor. Hoje, com três anos de Espanha, não só consolidou a sua situação naqueles meios, como está tido, no conceito geral, como um dos melhores, senão o melhor desenhador da Península. Para mim, o primeiro, e não me movem ao juízo sentimentos de patriotismo, que me parecem prejudiciais, nefastos até, quando se trata de julgar artistas.

Desde as colaborações de carácter intelectual até às de sentido mais propriamente popular, o seu lápis é disputado como forte elemento de triunfo. Nunca um artigo ilustrado por ele, desvi-se embora do espírito desta ou daquela gazeta, deixa de ter em Espanha um valor artístico e comercial.

Tem hoje colaboração firme nas seguintes publicações :



Variedades

Revista de Occidente, dirigida pelo ilustre escritor José Ortega y Gasset, e que é um bem conceituado repositório de idéas do pensamento espanhol incorporado nas modernas correntes europeias. Para esta publicação já fez o nosso artista as capas de dois anos seguidos.

Revistas da popular empresa Prensa Gráfica: *Esfera*, *Nuevo Mundo*, *Mundo Gráfico* e *Crónica*, cuja importância não é desconhecida do nosso público.

La Farsa, onde semanalmente se arquivam as peças recém-estreadas nos palcos madrilenos.

El Sol, o importante diário de Madrid, bastante lido em Lisboa, onde desenha a página cinematográfica e colabora nas «historietas» com os mais considerados artistas espanhóis do género: Bagaria, Lopez Rubio, Sancha, Tono, etc.

Trabalha também para a Companhia Ibero Americana de Publicaciones, hoje a maior casa editora deste país, e tem o exclusivo de publicidade de Cementos-Kosmos, empresa industrial da maior importância.

UMA PUBLICAÇÃO QUE HONRA PORTUGAL

E vai honrar Portugal graças ao sentido nacionalista de Almada Negreiros, ao seu amor pelas nossas coisas e pela nossa terra. Trata-se duma colecção de livros de luxo, patrocinada por uma milionária argentina, M.^{me} Acevedo, que sai unicamente duas vezes por ano. Tanto autores do texto como ilustradores são convidados e escolhidos entre as maiores figuras das letras e das artes universais. A Almada coube-lhe a honra de ser convidado para ilustrar o que corresponde ao segundo semestre do ano corrente. Devemos esta gentileza ao conhecido escritor catalão Eugénio d'Ors, a quem os assuntos de Portugal merecem — e não é esta a primeira vez que o prova — preferente atenção. O texto devia também ser escolhido



Policial

pelo artista nosso compatriota. E a escolha recaiu naturalmente sobre um livro português: o *Amadís* ou a *Diana*. Optou-se, por este último,

que vai assim ser incluído nesta rica colecção, que há de vir a ter sem dúvida um incalculável valor bibliográfico. Será editado sobre o texto actual e a bela versão de Afonso Lopes Vieira.

Para que se faça uma idéa da alta importância desta empresa, basta saber que se tira, de cada livro, uma edição limitada de 300 exemplares, que são distribuídos entre assinantes já fixos, além de seis exemplares mais, os quais serão igualmente repartidos entre editor, autor da obra e ilustrador.

Também conseguiu Almada que este livro fosse impresso em Portugal, composto e encadernado por operários portugueses.

OS «PANNEAUX» DO CINE SAN CARLOS

Esta notável obra do nosso grande artista que hoje se reproduz nas páginas desta revista produziu uma verdadeira revolução nos meios artísticos espanhóis. Trabalhada sobre estuque, tinha-se realizado, com sentido absolutamente moderno e sem se ceder um ápice da dignidade artística, uma obra que abria novos horizontes à arte do estucador, de aplicação directa à arquitectura. Almada Negreiros, o artista puro, tinha dado, em matéria industrial, uma admirável lição de pureza artística. E, assim, *incompreensivo e exótico*, o travesso futurista do *Orfeu*, fala ali, na fachada e no átrio do edifício do Cine San Carlos, mesmo ao entrar na Atocha, da nossa sensibilidade, do nosso espírito e duma arte que, pela sua elegância, pelo humor da sua intenção, pela sua claridade e harmonia, é bem nossa, bem portuguesa. E depois disto, deste magnífico exemplo de disciplina e de bom sentido actual, o artista, que pelos seus foi geralmente julgado um indisciplinado, ainda trabalha, já numa outra variante do mesmo processo industrial, na decoração da *Fundación del Amor*, levando à nova Ciudad Universitaria o nome de Portugal.

NOVAIS TEIXEIRA.



Vaqueiros

COMICOS DE OUTRO TEMPO UMA ESPERA NO BAIRRO ALTO



DESENHOS
DE TAGARRO

Manuel Pereira — de alcunha «O Esteireiros» — foi bôbo dos teatros do Pôrto, meado o século de D. João V e do marquês de Pombal. Disto de «bôbo» quero inferir que o homem fôsse cómico ou «gracioso» como então se dizia. Das suas chalaças e dos seus talentos outros documentos não ficaram do que a anedota que refere, ao arripio, o Bispo do Grão-Pará, talvez porque o bom do monge tinha uma certa queda para o Teatro e dizia, à boca cheia e desassombadamente que algumas comédias de Goldóni eram mais úteis do que muitos sermões do púlpito.

Ora a anedota é esta.
Estava uma vez o «Esteireiros» à janela da sua casa, tomando o ar, pachorrontamente, quando um certo «quidam» que passou na calçada, intrometendo-se com êle, acabou por o insultar e por o desafiar.

— Salte cá para baixo, seu Bôbo de uma figa. O Santo Breve da Marca me não acuda em aflição se eu lhe não partir êsses narizes.

O «Esteireiros», que estava nos seus dias bonacheiros, respondeu de cima:

— Vá você pensar e torne outra vez. Talvez à volta me encontre mais colérico.

E refastelou-se o melhor que pôde no poial para continuar a mirar, regaladamente, o casario portuense.

Não sei, ao certo, se era da geração dêste Manuel Pereira, uma comediante dos teatros de Lisboa — do Bairro-Alto ou do Condes — conhecida pela alcunha de «Esteireira». Haveria acaso de profissão que justificasse as duas alcunhas? Ou tê-la hia ela herdado do pacífico actor que, na Invicta, tinha de esperar que a cólera lhe viesse para se desafrontar de um insulto? Não lá sabê-lo agora! O certo é que a Francisquinha — Francisca Maria Engénia era o nome todo — era em 1774, uma das volatinas mais admiradas e embuçadas de Lisboa. E de lhe supôr um rostinho de tauxia, tentador e petulante, a espertar de dentro do bico de embuçar com que ela saía a caminho do tablado do Conde de Soure, cruzando o Bairro-Alto, pela Atalaia ou pela Barroca acima. Morava na travessa da Espera, no antepenúltimo prédio do lado norte. Quando saía, às vezes, o vizinho do primeiro sobrado, espertava-a na escada. Todo se babava o Frágoso, cabeleireiro! E o de cima, o fiel do Arsenal Carrilho que tinha uma cocheira defronte e alugava cavalos aos peraltas, benzia-se, dizendo:

— Guapa, o demonico da cómica.

A Esteireira tinha chichisbeos que farte. A Travessa era a miude pisada por rocins e murzelo que caracolavam levando na sela alguns moços namorados, mas a vizinhança rosnavia de que certo grande senhor eram quem estipiendava as sedas de que ela se vestia e as jóias com que se ataviava no estrado do teatro. Quando o Carrilho os via passar curvando, vindos do Loreto, murmurava entre dentes:

— O Conde é que há de ensinarte.

ou
— Não te queria estar na pele.

Ele lá tinha as suas razões.

E as razões eram... que o Conde de São Vicente, Manuel Carlos da Cunha e Lorena, que ali morava no Loreto, a-pesar de casado com uma linda mulher, linda e nova, a condessa D. Luisa, zelava a «Esteireira», a termos de não consentir sequer que lhe apontassem os olhos.



Quando algum fidalgo provinciano ou peralvilho alfacinha, desconhecedor de zelos tão bravios se atrevia a derriçar no lenço ou, de chapéu «à malbruca» no sovaco, a escudeirar a rua, o Conde dizia certo segrêdo ao seu bolheiro, e mais noite menos noite o José Afonso, de súcia com outros criados da casa, sovava conscienciosamente o desprevenido cortejador da Francisquinha.

A vizinhança sabia disto, sorria-se; e das Salgadeiras à Queimada os soalheiros tinham sempre assunto fresco para desemperrar a língua.

Ora sucedeu uma vez...

Uma vez a gaiata Esteireira que, ao que parece, não fazia caso dos frequentes adoradores, desprezando os bilhetinhos e os recados das alcoveias, segura do afecto e dos dobrões do Conde, deu com os olhos, negros e pestanudos, é de crer, em certo moço desempenado e esbelto — provinciano pela certa, pensava ela — que, por vizinho, lhe passava frequentemente pela porta. Ele também a notara. Enviesara os olhos para o segundo sobrado do prédiosinho e ficara enlevado. Dêste primeiro encontro de olhos, outros vieram: esperas, espreitadelas, idas ao teatro do Páteo do Soure; primeiro um cumprimento, a seguir um sorriso, depois uma fala, um epíteto de Vénus ou qualquer *piépo* arcádico dos que então eram supremo galanteio.

Os moços da cavalaria do Carrilho deram logo pelo caso; a mulher do cabeleireiro bispo-pou também, e daí a pouco todo o recanto do bairro sabia do estouvamento da comediante que andava tonta pelo provinciano, pondo-o em risco de provar o cacete do José Afonso, tanto mais que o Francisco Pereira, mulato de casa do Conde e um pretalhão que era cozinheiro dos São Vicente, já tinham andado por ali a rondar, como era costume, antes das sovas desabarem.

A Esteireira, em casa, confidenciara igualmente à Maria Rosa Xavier, outra cómica que vivia com o escrivão da Misericórdia Joaquim Cardoso Delgado, casal que lhe dava hospedagem, os galanteios do fidalgo provinciano. A Maria Rosa devia de ter futurado mal dos amórios à conta da experiência que lhe advira de ver o estado em que o bolheiro do Conde deixara outros chechisbeos, e a mesma opinião devia vir de outra hóstede da casa, viuva que cohabitava naquele misturado quando andar da travessa da Espera, com uma mocinha sua filha.

O galanteador não desistia porém. Quem era ele? É o que o leitor vai saber.

O gnupo adorador da Francisquinha era um fidalgoite trasmontano, José Leonardo Teixeira Homem, mestre de campo dos Auxiliares do terço de Chaves, e senhor do Morgado de S. Miguel de Mirandela, vila de onde era natural. Seu pai o Dr. Martin Teixeira Homem, cavaleiro do Hábito de Cristo, Familiar no Santo Offício e Comissário das Três Ordens Militares, era pessoa grada, estimada e de boa fama em Trás-os-Montes. José Leonardo viera à capital tratar possivelmente de qualquer pretensão. Ao galhardo Mestre de Campo não lhe agradavam estalagens. Como acertasse de encontrar na Côte o seu conterrâneo Dr. Francisco Xavier de Lobão Machado Pessanha, fidalgo da Casa Rial, que fôra Juiz de Fora em Vila Rial e era então corregedor em Lamego, tratando de um despacho seu para a Corregedoria de Luanda, (onde veio a morrer em 1785), o morgado de São Caetano das Arcas, ofereceu-lhe a casa onde já vivia com outro trasmontano, o tenente Rodrigo António de Morais Sarmiento, senhor do morgadio de Tinzelo.

A casa, por fatalidade, era na travessa da Espera. O mestre de campo dos Auxiliares de Chaves, entrou na primavera de 74 a habitar esse terceiro andar fatídico. Pouco depois outros dos trasmontanos, formando como que uma república, passaram ali a viver em comum. Eram o Mestre de Campo das Milícias de Mirandela, Martinho António Pegado de Oliveira, cavaleiro de Cristo e fidalgo da Casa Rial, e Baltasar Ferreira Sarmiento Pimentel, também fidalgo da casa, filho do Provedor do Exército em Trás-os-Montes João Ferreira Sarmiento Pimentel.

José Leonardo Teixeira Homem segredaria naturalmente aos seus patricios, aquela paixão pela cômica do Teatro do Bairro-Alto, pela picante Francisquinha. O Dr. Pessanha como morador mais antigo do sítio tó-lo lia, também, naturalmente, advertido do risco, sabedor como era da fúria com que o São Vicente a zelava, mas o fidalgo de Mirandela não se teria decerto convencido. O amor falava mais alto do que a prudência. Por mais que o tenente Morais Sarmiento o avisasse de que os criados do Conde faziam ronda constante às janelas da «Esteireira» e de que o bolheiro guarda-costas e confidente d'ele, tinha entrada franca no sobrado do escritório da Misericórdia, José Leonardo, cego de paixão, não deixava de escudeir tranquilamente toda a travessa desde o Loreto, rolando as Salgadeiras e a rua da Atalaia.

A desgraça estava anunciada.

Na noite de 17 para 18 de Dezembro desse ano de 1774 José Afonso, deixando a sege no Loreto, e ainda de bota e espora, o redingote da libré do Conde oculto nas voltas de um capote alvado, tomou pela rua do Norte, viron à travessa da Espera e entrou, duas dezenas de passos dados, numa portinha baixa. Era a casa da «Esteireira». Subiu, entrou na salinha estreita e lá se demorou até perto da meia-noite. Quando saíu, a Francisquinha chorava, toda trémula, apegada a uma devota imagem do Senhor do Monte. O que se passara entre os dois ninguém o soube, nem mesmo o juiz da devassa que ao depois se fez.

O bolheiro, chegado à rua, assobiou. Do lado da Atalaia, surgiram uns vultos. A noite estava escura. Naquele tempo a travessa da Espera era o que é fácil supôr um túnel negro, onde as fachadas sujas das casas não conseguiam alvejar. Alguns prédios ainda arruinados do terremoto, davam-lhe um ar trágico de ruína abandonada. Os vultos foram-se aproximando, cautelosamente. Vinham todo rebuçados em capotes alvados. O mulato Francisco Pereira, moço da cozinha do São Vicente, adiantou-se:

— Então?

José Afonso, pôs-lhe a mão na bôca, e cicion: — Vão para as Salgadeiras. Tu, ó Cruz, põe-te à bica do Loreto.

— É eu? — disse o Rodrigues, cabo de esquadra do regimento de Aveiras.

— Tu vai para a rua direita.

Os vultos ergueram-se. Ao lado do bolheiro ficou só a carantinha do Francisco da Cunha, escravo do conde.

Já passava da meia-noite quando o Rodri-



gues veio à boca da rua do Norte dar a pre-venção combinada. Toda a súa abandonando as vigias veio reunir-se nas Salgadeiras, a tempo que soavam ao principio da travessa nuns passos batidos. Era o mestre de Campo José Leonardo Teixeira Homem que recolhia, vindo de Belém onde passara a noite em casa de Diogo Lee consul de Inglaterra em Lisboa.

A matulagem tomou posições, três para um lado, três para o outro. José Leonardo, distraído, fantasiando talvez o rostinho galante da Comediante, avançava para o meio da armadilha. Uns passou mais e...

A scena durou dois minutos escassos. José Leonardo sentindo a primeira pancada, desembuçava-se recua, saca do espadim... mas ainda éle mal se despira da bainha, já o galhardo trasmontano estava atravessado de estocadas. Cambaleou, quis-se agarrar à parede, mas a vista fugia-lhe e com ella a imagem da «Esteireira». Depois caiu. Estrebuchou ainda. Um erêdo depois, estava morto.

Na manhã de 18 uns vendilhões que iam para a vida toparam com o cadáver estatelado à entrada das Salgadeiras. Entre elles achava-se um que conhecia o mestre de campo. Era um pobre diabo, sem eira nem beira, que vivia numa das lojas da travessa da Espera, por baixo do cabeleireiro Fragoso. António Lopes clamou logo:

— É o amigo do Dr. Pessanha!

— Qual Pessanha? — interrogou um dos vendilhões.

— O que mora ali ao topo da Espera.

Tinha-se já agrupado mais gente. O borborinho crescia e algumas janelas começavam a abrir-se. Logo que o malherio soube do aconteci-

mento a nova propagou-se como rastilho de pólvora.

José Leonardo Teixeira Homem, de bôco na calçada, segurava ainda o espadim. O chapéu de galão dourado caíra-lhe e rolara para a calha que corria a meio da rua.

Um moço da cavalaria do Carrilho alyitrou que se levasse para casa. Aceitaram a idéa e o cadáver do fidalgo trasmontano foi levado para o terceiro sobrado. O Pessanha, o Pegado de Oliveira, o Ferreira Sarmiento e o tenente Rodrigo, acordados em sobresalto, logo mandaram chamar um clérigo que morava no andar de baixo. O padre veio, mas já nada pôde fazer. O mestre de campo estava bem morto. Outro vizinho, o negociante António Alves, correu a prevenir as justiças. Junta-se mais gente. Todo o sul do Bairro-Alto acordou mais cedo nesse dia, e daí a pouco ouviam-se gritos estridentes e angustiosos. Era a «Esteireira» que prevenida da morte de José Leonardo, rompia em lígimas e imprecações. O coração levára-lhe toda a noite a futurar desgraça.

Maria Rosa Xavier e o amante debalde tentavam acalmá-la. Francisca Eugénia queria sair para a rua e foi necessário que os vizinhos corresse em auxílio do escritório da Misericórdia, para evitar que a comediante, de cabelos desgrednhados, salsse em roupas de quarto para se ir abraçar ao corpo inanimado do Teixeira Homem.

O Inácio José Carrilho, à porta da casa do Pessanha comentava em voz alta.

— Os ruíões! Isto tinha de ser! Eram 10 horas estava um embaçado pegado à porta da Cocheira. Eu bem dizia. Atraven-se, pagou.

— Mas vocemecê viu? — perguntou uma mulher.



— Com estes olhos. Trazia capote alvadio. Era dos do bando do conde.

Um cabo de esquadra que estava no grupo, ao ouvir isto, misturou-se entre o povoão e esgueirou-se. Era o José Rodrigues. O Carrilho conhecia-o pelo galão dourado do chapéu que entrevira na véspera no negrume da travessa.

As Justiças chegaram e tomaram conta do cadáver que nessa tarde o prior da Encarnação enterrava na igreja; começaram os interrogatórios e durante êsse dia não se falou noutra coisa no Bairro-Alto.

A voz do povo, acusava o conde de São Vicente, os criados e escravos do Pessanha, o genito unido da rua tudo o apontava como mandador, e o romance amoroso da «Francisquinha» e de José Leonardo entrara a ser glosado em todos os southeiros, com aquele remate das estocadas homicidas e dos gritos de leão ferida da cômica do Pátio do Soure.

A devassa foi demorada. No dia 23, após os primeiros inquéritos os quadrilheiros cercavam na rua do Loreto a casa do conde e prendiam o boieiro, José Afonso, confidente e alcoveto do fidalgo, o mulato Francisco Pereira, cozinheiro, o preto Francisco da Cunha, o cabo José Rodrigues e o anspessada, João Pereira da Cruz. O José Afonso e o cabo denunciaram os outros. Em 24 o conde, prevenido pelo Cardeal da Cunha, seu tio, que viera da conferência do Erário em casa de Pombal, recebia, por esta via, ordem rial para sair da corte. Daí a 24 horas estava em Badajoz.

Que pensaria a condessa desta fuga? Ter-lhe-hiam chegado aos ouvidos as acusações que enchiam o bairro?

Está-se a ver quanto êste sucesso teria alterado o meio corteção da época. A situação excepcional do conde, a sua influência, as suas relações, o seu nome, exigiam que a Justiça se tornasse maleável e dócil, transigente e submissa. Com Pombal era difícil. O remédio era demorar... e demorou-se.

Depois da queda do terrível Cabeleira, criou nova alma o S. Vicente. Reviu-se o processo por novos juizes e então, como era necessário inventar-se um assassino, inventou-se mesmo.

O homicida em 1778, passou a ser um cadete, Toscano de Vasconcelos, cuja fama e cujos delitos podiam bem, sem prejuizo para êle, comportar o crime. Arranjaram-se testemunhas, tôdas pessoas gradas, que vieram depôr como a «devassa» quis. O cadete era tão cômodo para os juizes que deixara vestígios evidentes em todos os seus passos. Dissera a meio mundo que odiava o Teixeira Homem, a outro meio que o ia matar e a mais dois meios que o tinha morto. Era o que se precisava. As culpas da injustiça da «devassa» anterior, atiraram-se tôdas para Pombal que já não estava em condições de defender-se: que um escravo que não escrevera o que o juiz queria, mas o que as testemunhas diziam, fôra degradado, que o Toscano era protegido dêle e que o Cabeleira tinha paixão oculta que o movia a perseguir o conde.

O advogado do S. Vicente entornou então tôda a sua rabulice lógica nos *provarás* do processo e clama:

«Impossível he que huma Thais — Thais amore carcus munus amanti amat — podesse motivar ao magnanimo coração do excellentissimo Conde de São Vicente, um ardor de zelotypia tal que o impelisse ao excesso de cometer ou mandar cometer pelos reos hum homicidio.»

A «Thais» — a Francisquinha nunca pensou de certo que lhe poderiam dizer isto — chama mais adiante «mãe-rucula mal famigerada».

A «zelotypia» do fidalgo conhecia o Carrilho, com y grego e tudo, quando as sovas desabavam nas costas indefesas dos adoradores da «Thais» da travessa da Bspera.

O conde, já se vê, foi absolvido e no Natal de 78, publicada a «Sentença» que corre impressa, já pôde consoar com a condessa no seu palácio do Loreto.

E os criados? perguntará o leitor.

Os criados, foram absolvidos também. Se fôra o Toscano o matador que tinham os pobres diabos com isso!

Tudo se provou: que o cabo José Rodrigues tinha estado no regimento de Val de Pereiro, na noite e na manhã seguinte do crime; que o anspessada Cruz era uma vítima de Pombal, tendo-o o juiz, em 1774, obrigado a dizer o que não era verdade e não se tendo escrito nos autos ainda por cima o que êle disse; que o pretalhão Francisco da Cunha, era um escravo tímido e pusilânime que sofria de uma quebradura; que o mulato Francisco Pereira estava à meia-noite da noite do crime, de avental pôsto, a conversar, na cosinha do palácio, com um frade franciscano; e que o boieiro José Afonso... Do José Afonso era que não convinha espiohlar muito... e não se espiohlon, porque havia de ser difícil de inventar uma razão para a sua ida a casa da «Esteireira» e para a sua permanência na vigia em frente à moradia da cômica.

A sentença de absolvição dos cinco presos que tinham estado quatro anos no Limoeiro, tem a mesma data de 1778.

A «Francisquinha» que tinha sido também presa, privando-se os espectadores do Teatro do Bairro-Alto, dos seus talentos de comediante, foi solta, creio que pouco depois.

Apanhada em liberdade, perco-lhe o rasto. A casa da travessa da Bspera não voltou mais. A Maria Rosa Xavier e o amante já nos não podem dar noticias dela, e da crônica do Pátio do Conde de Soure nada consta a seu respeito. Dilucidou-se como uma sombra.

Teria morrido de pena? Teria ido para o Conde, secar, à luz da ribalta as lágrimas choradas e gritadas pelo infartunado José Leonardo? Teria ido para o Pôrto?

Se assim foi, e se o «Esteireiro» ainda vivia, pode bem ser que êle a avistasse da janela da casa, onde ainda estaria à espera que a cólera lhe viesse para se desafrontar daquele insulto que contei ao leitor.

MATOS SEQUEIRA.





O HOMEM DOS DENTES DE ELEFANTE

CONTO HUMORISTICO POR
FERNANDO DE PAMPLONA
ILUSTRAÇÕES DE CARLOS GARNEIRO



Macário Pechisbeque tinha uns dentes colossais. Eram perfeitos, macarados, de um oriente magnífico — e alinhavam sobre a fita vermelha das gengivas graciosamente, harmoniosamente, como bailarinas nuas sobre uma ribalta. Dir-se-hiam pérolas talhadas, lapidadas. Os dentes de Macário Pechisbeque eram, pois, lindos como os anjos. E, além disso, tinham originalidade, personalidade. Não se pareciam eles com nenhuns dos outros dentes belos que Nosso Senhor deitou ao mundo — e nunca se virá, em todo o território português, desde os tempos imemoriais da fundação da monarquia, uns dentes tão prodigiosos! Muitas pessoas, emperdigadas e solenes, afirmavam, com gestos decisivos, que os dentes sublimes de Macário Pechisbeque eram coisa sobrehumana. E, para explicarem sua beleza incrível, garantiam que, na ascendência do fenómeno dentário, se anichava, com certeza, um nui nobre paquiderme de máxilas principescas...

— Irra! que nem um elefante! — diziam todos, boquiabertos, com os olhos estoirados de pasmo e de respeito.

E, por isso, lhe chamavam *honoris causa* — com o que lhe dava imensa casca! — o homem dos dentes de elefante.

O rosto de Macário Pechisbeque não possuía de especial, excepto algumas espinhas mais ou menos purulentas; mas, quando seus beiços se

resistia à dentadura de Macário — e, no meio da rua, à luz do sol, piscavam-lhe o olho, escandalosamente. Recebia ele quotidianamente cartas sem vergonha, em que lhe solicitavam beijos, fotografias, ferradelas, autógrafos, pontas de cigarro, etc., e em que, por vezes, chegavam ao descaro de lhe pedirem dentes... para trazer ao pescoço, à laia de berloques. E ele, de longe em longe, por muito especial deferência, lá dava a alguma odalisca sua favorita um dentinho de leite que conservava ainda ou certo queixal cariado que, na juventude, um cirurgião-dentista lhe arrancara com uma pinça enorme.

— Oh! maravilhosos, os dentes do Macário! Quem me dera ser palito...

Era o delírio, era a apoteose de uma dentadura!

As admiradoras da elefântica celebridade provinham das origens mais diversas. Certo dia, por exemplo, uma inglesa esquelética e chupada como uma ameixa seca apaixonou-se por Macário Pechisbeque. Fêz-lhe uma festinha aliciante nas bochechas cor de rosa, disse-lhe num berro: *«I love you!»* e pediu-lhe, em inglês, que a matasse com um tiro. Macário, que não percebia do idioma de Sua Majestade Graciosa e que não apreciava contrações do bom presente do idioma de Sua Majestade Graciosa e que não apreciava contrações do bom presente de York, fugiu, espavorido. Mas essa Julieta escanifrada, direita como o pau de uma vassoura, não se resignou. Foi para casa e, com o auxílio de dez dicionários e da sua sciencia linguística, compôs uma frase de arromba, que o comovesse. Voltou a procurá-lo e gritou-lhe ao ouvido, em luso-escarumba ou prëtuguês: *«Eu nunca ter visto um coisa mais bonito que sua focinho!»* E Macário não pôde deixar de se enternecer ante o espectáculo daquela paixão magnífica e horripilante.

Não lhe faltava nenhuma consagração: nem a das mulheres, nem a dos fotógrafos, nem a das academias de pintura. Mas, a par de tantas simpatias e admirações, também suscitara ele — como tudo o que é verdadeiramente grande — ódios e rancores ferinos.

Os papás das meninas casadoiras detestavam cordealmente o elefântico prodígio e tremeficavam, cheios de pânico, quando viam seus rebentos demasiado próximos desse terrível sedutor de ingénuas... Dir-se-hia que elas, em vez de estarem plácidamente conversando com um Apolo de calças de casimira e gravata de risquinhas, se encontravam em plena selva, tu-cá-tu-lá com um hotentote ou com um leopardo... E, por vezes, um papá mais exaltado barafustava, quasi em voz alta:

— Estes dentes são terríveis, são dentes de antropófago! O suguetinho trinca corações como se trincasse bifes de vitela... Ladra, morde... e não paga multas! É escandaloso! Ah! eu, se fôsse autoridade, punha-lhe um açaimo!

Macário Pechisbeque também tinha contra si o ódio vesgo dos varões imberbes ou ainda em bom estado, que viam nele uma rival perigoso, mais forte, com melhores garras para dar assalto. E, despeitados, pequeninos, todos vomitavam sobre ele sua bilis de impotentes.

— Aquilo não é um homem: é um proboscideo! Só lhe falta a tromba... Porque a canda, já a tem, embora o não confesse...

E, em desses machos ciumentos, a estoirar de inveja, só pela razão de ser feio e musculoso, aplicou, uma noite, à saída de um baile, dois estalos bem puxados nas bochechas mimosas de Macário. Esta agressão sacrilega a um homem, que era quasi monumento nacional, mereceu uma severa condenação de donzelas e matronas

e provocou não pouco numerosos ataques de histeria. «Que atrevimento, hein?! fulminavam elas. Ora o reles, o ordinário!...»

E, uma vez, surgiu uma mulher com bastante audácia para não adorar de gatas ou de cócoras o homem dos dentes de elefante. Achava-o estúpido como uma porta, o que não era menos verdadeiro. E revoltava-a que esse homem sem raça nem miolos, para conquistar tódas as bonicas de trapo que quizesse, apenas precisasse de sorrir, de arreganhar a beija...

— Mas ele nem mesmo tem espírito — objectava.

E logo as outras lhe respondiam, abespinhadas, furibundas:

— Não tem espírito? De acôrdo... Mas tem dentes!

Os seus dentes formosíssimos faziam-lhe cair sobre a cabeça, ao mesmo tempo, corações de loiros e notas de banco. E tanto assim era que Macário, prudente, segurou a dentadura por dez mil libras esterlinas.

Os fabricantes de pasta dentífrica, de sabão, de pós, de elixir, não o largavam e obtinham dele, a péso de ouro, fotografias e autógrafos para a ensurdecedora propaganda de seus frescos e bisnagas. Também firmou um contracto nui rendoso com uma grande casa de palitos, cujos produtos passaram a ter impressa a vermelho sobre a tampa a sua carantonha augusta. Além disso, exhibiu-se, uma temporada inteira, num teatro de revista: interpretava ele o quadro «Gargalhada Olímpica», em que se cingia a dar uma risada e a embolsar um conto...

A famosa beleza de seus dentes atravessou a fronteira, galgou os Pirinéus e atrou a Europa como o estampido de um burro ciclópico. E, certa manhã, apareceu em Portugal um alto funcionário francês, Mr. Cabriole, que vinha comprar por um milhão a dentadura de Macário Pechisbeque. Quando ele fechasse o olho, a eburina preciosidade iria para o Museu do Louvre, para uma redoma vizinha daquela em que dorme, despreocupado, o guarda-chuva illustre de Napoleão...

Aos trinta anos, o homem dos dentes de elefante casou enfim. Casou com uma mulher formosa como a lua, que se apaixonara por seus dentes colossais. Mas o matulão insigne, antes de entrar na câmara nupcial, tirou a dentadura e pô-la de molho num copo de água... E a noiva, no vé-lo, soltou um guincho lancinante. Os famosos dentes de elefante eram postiços, eram mesmo talvez de um elefante! Macário Pechisbeque não passava de mentira! Só tinha uma coisa verdadeira: o seu nome! Irra realmente... pechisbeque!



afastavam e o tesouro ebúrneo se entrevia, todos se quedavam vencidos, varados de emoção, como em presença de um manipanso vivo. Em tórno de sua formosura, as paixões nasciam, abundantes como cogumelos — e, depois, subiam por ele acima, teimosas e malucas, incessantemente, como trepedeiras. As mulheres, tódas as mulheres, sem excepção, deliravam, desgrenhadas e epiléticas, ante o aparelho bucal de Macário Pechisbeque — e, ao contemplarem, nervosíssimas, essas duas fileiras estupendas de budas de marfim, perpassava-lhes no peito um frémito ardente e suas unhas bicudas crispavam-se, felinas, na ânsia de arranhá-lo...

— Oh! os dentes do Macário! — exclamavam alto, sem pudor. São divinos, simplesmente divinos! Quem me dera ser charuto... para morrer queimada naquela boca!

Muitas delas orgulhavam-se, como de um braço illustre, de terem já recebido na epiderme uma dentada do delicioso lobis-homem. Virgens pudibundas, noivas castas, esposas fidelíssimas, viúvas pingadas e sem consolação não podiam





Passatempo

IRONIA FEMININA

— Ó minha querida amiga, quanto gosto tenho em encontrá-la! Há um século, seis anos, pelo menos, que não nos vimos! Não se recorda de mim?

— Recordo, sim. Conheci-a imediatamente pelo chapéu.

■ ■

— Gostou da récita de amadores, ontem à noite?

— Olhe, achei-a realista demais.

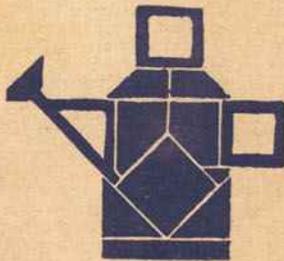
— Sério?

— Sim, no programa dizia: «Entre o primeiro e o segundo acto, supõe-se que decorre uma hora e, realmente, foi o que decorreu.»

■ ■

PACIÊNCIA-ENIGMA

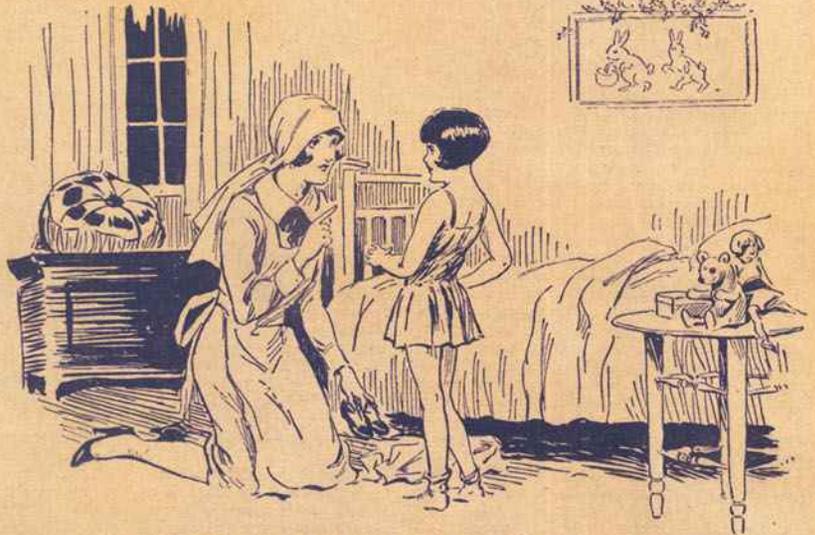
(Solução)



INDISPENSÁVEL

A mãe:— Olha, Joãozinho, levas-me esta carta à tua tia, sim?

Joãozinho:— Ó mamã, mas esqueceu-se de escrever no sobrescrito P. E. F.



A criada:— Olhe que se não for muito boa menina, o Menino Jesus não lhe traz nada pelo Natal.
Criança moderna:— Não te dê isso cuidado; já fiz as minhas encomendas ao papá.

LIÇÃO DE ARITMÉTICA

— Olha, minha querida, é bem simples; casei aos vinte anos; meu marido tinha quarenta; tenho, portanto, metade da sua idade e, por conseguinte, tenho trinta e cinco, visto ele ter agora setenta!...

— Não há cálculo mais exacto, lá isso é verdade!...

POBRE HOMEM

O marido:— Recebi hoje a tua conta da modista e paguei-a. Eram quinhentos escudos e fiquei depenado; mas ao menos não penso mais nisso.

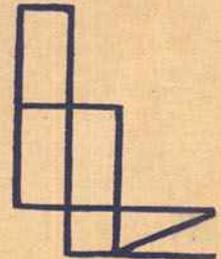
A esposa:— Como ela foi boa em satisfazer o meu pedido!

O marido:— Que queres dizer?

A esposa:— Ora, é que eu tinha-lhe dito para dividir a conta em quatro prestações e mandar-te uma de cada vez.

■ ■

DIVERSÃO



Decompór estas linhas em seis fragmentos, que hão de ter a forma das letras do sobrenome de um célebre naturalista romano.

■ ■

Convidado retardatário (num baile):— Venho apenas para buscar minha mulher...

A dona da casa (querendo ser amável):— Ó meu caro senhor, mas que pena não ter vindo mais cedo!



Neste jantar de Natal estão mais cinco convidados. Vêem-nos?

GRAFONOLAS - DISCOS - AGULHAS - ACESSÓRIOS -



O senhor!
hesita!

e hesitará
sempre na
escolha duma
grafonofa

enquanto não
ouvir uma
Columbia
"A QUE VENCE
E CONVENÇE"



AGENTES GERAIS
P. SANTOS & C. LDA

R. GARRETT - 57-59 e 61 - LISBOIA
R. IVENS - 52-54 - LISBOIA

CALORIFEROS DA VACUUM



Temperatura
da Primavera

*Lá fóra
o inverno*

Lá fóra o inverno. Mas dentro de casa, a temperatura amena da primavera proporcionada por um Calorifero da VACUUM que além da facilidade e segurança de manejo, liga bem com a decoração de qualquer casa e não deita cheiro, quando funciona com



PETROLEO SUNFLOWER

504

R. da Horta Séca, 17 — Telef. T. 980. Rocio, 67 — Telef. T. 3075